



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CIRA CRISTINE PENA DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA DA UFRPE,
CAMPUS DOIS IRMÃOS, RECIFE/PE, EM TEMPOS PANDÊMICOS.**

Recife/PE

2023

CIRA CRISTINE PENA DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA DA UFRPE,
CAMPUS DOIS IRMÃOS, RECIFE/PE, EM TEMPOS PANDÊMICOS.**

Monografia apresentada por **Cira Cristine Pena de Oliveira** ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco - (UFRPE), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Rosa Maria de Aquino

Recife/PE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OLIVEIRA, Cira Cristine
A, Cira
Pena de Oliveira, Cira Cristine
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA DA UFRPE, CAMPUS DOIS IRMÃOS,
RECIFE/PE, EM TEMPOS PANDÊMICOS. / Cira Cristine Pena de Oliveira. - 2023.
56 f.

Orientador: Rosa Maria de Aquino.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em
Ciências Sociais, Recife, 2023.

1. Juventude. 2. Pandemia. 3. Religião. 4. Religiosidade. 5. Universidade. I. Aquino, Rosa Maria de, orient. II. Título

CDD 300

**RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA DA UFRPE,
CAMPUS DOIS IRMÃOS, RECIFE/PE, EM TEMPOS PANDÊMICOS.**

Monografia apresentada em 20/09/2023, ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco - (UFRPE), como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Banca Examinadora

Aprovada em:

_____ Nota _____

Prof^a. Dra. Rosa Maria de Aquino, DECISO/UFRPE - (Orientadora)

_____ Nota _____

Prof^a. Dra. Maria Grazia Cribari Cardoso, DECISO/UFRPE - (1º Examinador)

_____ Nota _____

Prof. Dr. Tarcísio Augusto Alves da Silva, DECISO/UFRPE - (2º Examinador)

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado às mulheres que sempre estiveram presentes na minha história. Obrigada por toda troca e ensinamento. Essa monografia é dedicada aos familiares dos 700 mil brasileiros que perderam suas vidas na pandemia de COVID-19. PRESENTE!

AGRADECIMENTO

É necessário reconhecer quem vem antes, e dar o devido valor pelo aprendizado deixado. Meu mais sincero amor e respeito à ancestralidade, aos meus mais velhos, cujos ensinamentos levo e repasso onde estiver. Eu sou parte de vocês e vocês vivem em mim.

Jana, tu sabes que sem você, nada disso teria acontecido, obrigada por estar comigo nas mais loucas aventuras, nos momentos de surtos e nas calmarias. Recife e essa Universidade, só aconteceram por sonharmos juntas. Te amo, ao infinito e avante!

Emmanuelle, Layla, Laryssa e Brownie, ia ser mais complicado sem vocês na minha vida. Obrigada pelos momentos de descontração, preocupação, fofura explícita, muitas risadas e um amor que não cabe no peito.

As amigas, que são irmãs, vocês fazem parte dessa conquista, amo vocês, Fernanda Brito, Maria Corrêa, Marieli Diorio e Simone Siqueira.

Ana, meu “ori” e psicóloga, seu acolhimento nos momentos de “surtos leves e tênis”, foram fundamentais para chegar até aqui.

Meu muito obrigado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, e seus profissionais, vocês fizeram diferença durante a graduação, fui imensamente feliz em escolher fazer parte da família “Ruralinda”.

Ao DECISO e seus bravos técnicos e professores, aprendi com cada um(a), a importância e responsabilidade de ser um profissional da área das Ciências Sociais. Deixo minha homenagem para os que se foram cedo demais e os que ainda estão na luta por uma educação de qualidade.

Professora Rosa Maria de Aquino, obrigada pela orientação, conselhos e incentivo. Nossas reuniões sempre foram pautadas pelo acolhimento, troca e incentivo. Não poderia escolher outra pessoa para essa jornada chamada TCC.

Professora Socorro Lima, foi de suma importância sua presença, competência e principalmente o incentivo e crença em nossa capacidade, sou grata, muito obrigada.

Professor Tarcísio Silva, passar por sua cadeira de pré-projeto, foi fundamental para delimitar e definir meu objeto de pesquisa, obrigada.

Professora Júlia Benzaquen, no semestre de 2017.2, durante a recepção dos calouros, você fez uma reflexão sobre a importância de pesquisar nosso “quintal”, espero ter contribuído, nem que seja um pouquinho, muito obrigada pelo desafio.

Professora Gabriela Bezerra, obrigada pelos 2 anos de monitoria em um período complicado, como a pandemia. Seu senso de organização e profissionalismo, levarei como aprendizado e meta de vida.

Professora Roseana Medeiros, você é uma das responsáveis pelo meu interesse e aprofundamento no campo religioso, durante o percurso acadêmico. Muito obrigada por dividir seu conhecimento, entusiasmo e sabedoria.

Meu muito obrigada aos colegas e amigos do curso de Ciências Sociais, foi um enorme prazer dividir as alegrias e anseios acadêmicos, fica minha esperança de encontros futuros e no sucesso de todos. Meu agradecimento à Tina, Ingrid, Angélica, Tainã, Viviane, Rayane e Clari, pelo afeto, acolhimento e respeito no decorrer do percurso.

Por fim, aos estudantes da UFRPE, que são sujeitos desse TCC e colegas dessa jornada chamada graduação. Aproveitem o tempo na Universidade, ele passa rápido e depois só ficam a saudade dos colegas, professores e da Ruralinda.

“Os quarenta são a terceira idade da juventude. Os cinquenta são a juventude da terceira idade”. (Provérbio francês)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender como a juventude universitária da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Campus Dois Irmãos, vivenciou religião e religiosidade como suporte, para o enfrentamento da crise pandêmica. Os referenciais teóricos utilizados, estão baseados nas pesquisas de Regina Novaes, Jorge Cláudio Ribeiro, Camurça, Groppo, Silva e outros, que têm contribuído para reflexões e análises a respeito de juventude, suas relações com a religião. A pesquisa de campo foi realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Campus SEDE, com jovens de várias idades, gêneros e cursos de graduação e semestres diversos. Para a realização deste estudo foi utilizada a abordagem qualitativa, o método etnográfico, além das técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas. Por meio da pesquisa de campo, foi possível verificar que religião e religiosidade foram utilizadas como suporte por esses jovens, para o enfrentamento da crise pandêmica.

Palavras-chave: Juventude; Universidade; Religião; Pandemia

ABSTRACT

This research aims to understand how the university youth of the Federal Rural University of Pernambuco / Campus Dois Irmãos, experienced religion and religiosity as a support, to face the pandemic crisis. The theoretical references used are based on research by Regina Novaes, Jorge Cláudio Ribeiro, Camurça, Groppo, Silva and others, who have contributed to reflections and analyzes about youth, its relationships with religion. The field research was carried out at the Federal Rural University of Pernambuco / Campus SEDE, with young people of different ages, genders and undergraduate courses and different semesters. To carry out this study, a qualitative approach was used, the ethnographic method, in addition to participant observation techniques and semi-structured interviews. Through field research, it was possible to verify that religion and religiosity were used as support by these young people, to face the pandemic crisis.

Keywords: Youth; University; Religion; Pandemic

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO I - “ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO NÃO MORRO”: PANDEMIA E SEUS IMPACTOS SOCIAIS.....	13
2.1 Pandemia	13
2.2 Impactos sociais da pandemia	14
3 CAPÍTULO II – “O INFINITO É REALMENTE UM DOS DEUSES MAIS LINDOS”: JUVENTUDE, PANDEMIA, RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE.....	21
3.1 O universo das juventudes	21
3.2 Pandemia, religião e religiosidade da juventude	23
4 CAPÍTULO III – “DE DENTRO PRA FORA, DE FORA PRA DENTRO”: O ENCONTRO POSSÍVEL ENTRE A PESQUISADORA E O PESQUISADO.....	28
4.1 Primeiras impressões, construindo pontes, caminhos percorridos.....	28
4.2 “Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter”.....	31
5 CAPÍTULO IV – “MEU PAI SOU TÃO FRÁGIL, CURA AS FERIDAS, TIRA MINHA DOR”: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS E CONFIRMAÇÃO DA HIPÓTESE.....	33
5.1 Análise dos dados obtidos.....	34
5.2 Confirmação da hipótese.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXO A - Levantamento exploratório do Campos Dois Irmãos/SEDE.....	52
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU.....	55
REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS).....	55
ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA	56

1 INTRODUÇÃO

No findar do ano de 2019, enquanto muitos planejavam e sonhavam com um novo ano, cheio de possibilidades e recomeços, em Wuhan, uma cidade chinesa, é constatado um aumento significativo de casos de pneumonia, que em pouco tempo fogem do controle das autoridades locais.

Os chineses, comunicam ao mundo, via OMS (Organização Mundial da Saúde) o alto poder de transmissão dessa doença respiratória, causada pelo vírus em mutação Sars-CoV-2. Rapidamente, o vírus se transforma em uma pandemia global, afetando o mundo e provocando milhões de mortes, além de mudanças inimagináveis.

Um dos principais demarcadores dessa época, é a adoção dos protocolos de biosseguranças pelas autoridades governamentais. Entre essas medidas, está o distanciamento social. Com a adoção desse protocolo, toda sociedade entra lentamente em espera, pausando atividades sociais e econômicas. Deixando inúmeras incertezas, indagações, atingindo a sociedade na totalidade, incluindo as juventudes, que tem sido objeto de estudo por parte das ciências humanas.

As juventudes foram consideradas a princípio, uma categoria de baixo risco, porém, mostrou-se bastante afetada durante a crise sanitária. Segundo Silva; Pereira; Sarinho (2023, p. 5), “o conceito de situação juvenil mostra-se importante no sentido de compreender a posição social ocupada pelo jovem em face de sua origem, cor da pele, gênero, etnia, orientação sexual”, permitindo uma análise, diante do contexto da crise pandêmica.

Outro ponto a ser destacado, é que os jovens, “vivem de forma muito intensa a sociabilidade entre pares de idade fora de casa, e houve o fechamento de espaços de concentração de pessoas” (Luz *et al.*, 2020, p. 186). As juventudes, foram privadas de todos seus espaços, sejam de lazer, de formação educacional, laborais e religiosos. E passaram a vivenciar a crise sanitária de maneira desigual, por conta das várias vulnerabilidades existentes. De acordo com Silva; Freitas (2022), ao discorrer sobre juventude e pandemia:

Embora possamos afirmar que todos foram impactados, um filtro sempre será necessário para demonstrar como a desigualdade social delinea os contornos e danos aqueles que não possuem as condições materiais, mínimas, para passar por esse momento sem maiores dificuldades (Silva; Freitas; 2022, p. 185).

A pesquisa tem como intenção, voltar seus olhos para a juventude universitária, em um período de incertezas e medo, o período pandêmico. Se pensarmos que esse jovem precisou lidar com uma série de vulnerabilidades, e o temor pela doença e morte, de si ou de alguém próximo, a investigação da religião e religiosidade, se torna de suma importância, para entendermos o papel ocupado por essa categoria, durante a crise sanitária.

Esse trabalho se justifica por contribuir para produção de estudos sobre religião/religiosidade durante a crise pandêmica, em espaços universitários. Além de produzir informações sobre diversidade religiosa e juventude universitária, que possibilitem subsidiar ações educacionais, de combate a intolerância e preconceito religioso dentro dos espaços universitários.

Um dos aspectos que norteia esse estudo, é compreender o papel ocupado pela religião/religiosidade para a juventude universitária da UFRPE do Campus Dois Irmãos, Recife/PE. Outro aspecto a ser esclarecido é perceber como a religião/religiosidade são vividas no contexto universitário. Por fim, tentaremos responder ao seguinte problema: Como a juventude universitária da UFRPE Campus Dois Irmãos, Recife/PE, vivenciou a religião/religiosidade para o enfrentamento da crise pandêmica?

Partimos da hipótese que a juventude universitária da UFRPE, Campus Dois Irmãos Recife/PE, vivenciou a religião/religiosidade como um suporte para o enfrentamento da crise pandêmica.

Temos como objetivo geral, compreender como a juventude universitária da UFRPE Campus Dois Irmãos, SEDE Recife/PE, vivenciou a religião/religiosidade para o enfrentamento da crise pandêmica. Nossos objetivos específicos são: verificar relações entre a vivência religiosa e a vida universitária da juventude universitária do Campus Dois Irmãos SEDE/Recife da UFRPE, identificar as pluralidades religiosas existentes entre os jovens universitários do Campus Dois Irmãos SEDE/Recife da UFRPE e analisar as práticas religiosas utilizadas para o enfrentamento da crise pandêmica, pelos jovens universitários do Campus Dois Irmãos SEDE/Recife da UFRPE.

O trabalho está dividido em 5 (cinco) capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, temos a **Introdução**, em seguida o segundo capítulo, cujo título é: **“Ano passado eu morri, mas esse ano não morro”**: **pandemia e seus impactos sociais**,

descrevemos o início da crise pandêmica no Brasil, com a adoção das medidas de biossegurança, principalmente o isolamento social e os impactos sociais ocasionados por ela, na população mais vulnerável. Esse capítulo está subdividido em: pandemia e impactos sociais da pandemia.

O terceiro capítulo leva o nome de: **“O infinito é realmente um dos deuses mais lindos”**: **juventude, pandemia, religião e religiosidade**. Discorremos sobre a categoria juventude, seus conceitos, diversidade, vulnerabilidades, a vivência da condição juvenil durante a pandemia, além do quesito religião e religiosidade no universo do jovem universitário. Esse capítulo é dividido em 2 itens: o universo das juventudes no contexto pandêmico e pandemia, religião e religiosidade da juventude universitária.

Em nosso quarto capítulo, descrevemos o caminho metodológico que norteia essa pesquisa. Seu título é: **“De dentro pra fora, de fora pra dentro”**: **o encontro possível entre à pesquisadora e o pesquisado**. Iniciamos explicitando a fagulha inicial que foi combustível para a monografia, relatamos nossa ida ao campo e as primeiras impressões, em seguida discorremos sobre a escolha da metodologia.

Optamos pela abordagem qualitativa, o uso da etnografia para obtenção de dados, das técnicas de pesquisa de observação de campo e entrevista semiestruturada, além da escolha da análise interpretativa para compreensão dos dados obtidos. O capítulo está dividido em 2 itens: primeiras impressões, construindo pontes, caminhos percorridos e “somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter”.

Por fim, no quinto capítulo, analisamos os dados obtidos através das entrevistas a luz do embasamento teórico escolhido. O título do capítulo é: **“Meu Pai sou tão frágil, cura as feridas, tira minha dor”**: **análise dos dados obtidos e confirmação da hipótese**. O capítulo está dividido em 2 itens, que são: análise dos dados obtidos e confirmação da hipótese.

Terminamos apresentando nossas considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

2 CAPÍTULO I - “ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO NÃO MORRO¹”: PANDEMIA E SEUS IMPACTOS SOCIAIS.

2.1 Pandemia

No final do ano de 2019, os chineses comunicam ao mundo, via OMS (Organização Mundial da Saúde) o surgimento de uma doença respiratória, referente à um novo tipo de coronavírus² que não havia sido identificado antes em seres humanos, causada pelo vírus em mutação Sars-CoV-2 (síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2), na cidade de Wuhan. Esse surto, em pouco tempo, é classificado como pandemia³, provocando mudanças inimagináveis, em um mundo globalizado, cujas consequências provocaram inúmeros impactos nos âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Um aspecto importante para o enfrentamento da pandemia foi a utilização dos protocolos de biossegurança, entre eles, o distanciamento social.⁴ Sua utilização inicial foi para assegurar que doentes por COVID-19 não transmitissem à doença para população saudável, evitar a disseminação em pessoas pertencentes ao grupo de risco, além de prevenir e monitorar pessoas que tiveram contato com contaminados. O protocolo foi chamado de quarentena, e adotado pelo Brasil, de acordo com a Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

Após o aumento dos casos e de mortes pela doença, as autoridades sanitárias em sua totalidade, recomendaram a permanência da população em seus lares, o fechamento de forma rígida de todos os serviços não relevantes à população, tendo autorização para ir e vir, somente indivíduos que prestavam serviços essenciais à manutenção das cidades e das vidas, o que ficou conhecido como lockdown.

Mais que uma obrigatoriedade, essa medida foi uma questão de saúde pública, tendo impacto imediato e a longo prazo na sociedade. Segundo o psicólogo social, do Departamento de Ciências Comportamental da Universidade de Hokkaido, em uma entrevista no início da

¹ Trecho extraído da letra “**AmarElo**”, composta por DJ Juh, Emicida e Felipe Vassão, com Sample de Sujeito de sorte, de Belchior. Encontrada no álbum “**Amarelo**” (estilizado como *AmarElo*), faixa 11, lançado em São Paulo, no ano de 2019. (Emicida, 2023).

² Coronavírus são uma ampla família de vírus que podem causar uma variedade de condições, do resfriado comum a doenças mais graves, como a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) e a síndrome respiratória aguda grave (Sars-CoV-2). (OPAS/OMS, 2019).

³ O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. *Ibidem*, (2019).

⁴ Distanciamento Social, são diversas medidas, visando reduzir a circulação de pessoas em espaços coletivos públicos (ruas e praças) ou privados (shoppings, shows etc.), podendo ser vertical ou horizontal. (De Carvalho, 2020).

pandemia, "interações físicas como beijos, abraços e apertos de mão são importantes para formar e fortalecer relacionamentos. A disseminação do vírus restringe esses comportamentos" (Sayuri, 2020.).

Com a imposição do distanciamento social, toda sociedade entrou lentamente em espera, sendo necessário pausar todas as atividades. Esse evento provocou inúmeras incertezas, indagações, que atingiram a sociedade num todo. O que incluiu as juventudes, que para fins desta pesquisa, tratou-se de estudantes universitários, cuja rotina foi modificada de forma drástica pela pandemia.

2.2 Impactos sociais da pandemia

Com o surgimento da pandemia e com o objetivo de minimizar sua virulência letal, a OMS, recomendou uma série de medidas de higiene pessoal e saúde pública a serem seguidas pelos governos de todo mundo. Dentre elas, a adoção do lockdown, que implicou na interrupção de atividades econômicas e restrições à mobilidade. Essas medidas, individuais ou coletivas, causaram um impacto profundo no agravamento da crise econômica e social, enfrentada por uma parcela da população global.

É interessante pontuar, em diálogo com o texto de Luz *et al* (2020), que antes mesmo do surgimento da pandemia, o mundo, e o Brasil, já estavam imersos em uma crise econômica, com altas taxas de desemprego e diminuição de garantias sociais, até então, inegociáveis, impactando diretamente à juventude brasileira e as minorias sociais.

A economia brasileira que já enfrentava um período de desaceleração do crescimento econômico e um número expressivo de desemprego, viu a completa paralisia das atividades econômicas, o que ocasionou o agravamento e aumento das desigualdades sociais, deixando a população pobre em situação de extrema vulnerabilidade. Nas palavras do autor supracitado:

A pandemia de COVID encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego, desmonte das políticas sociais e intensos cortes de investimentos em saúde, educação e pesquisa no Brasil (Luz *et al*, 2020, p. 183).

De acordo com Martins (2020), o surgimento da pandemia potencializou os níveis de desigualdade social de toda a ordem, sejam elas de renda, de bens, de condições de moradia, de trabalho, de alimentação. Trazendo consigo a precarização do trabalho e a intensificação do empobrecimento da classe trabalhadora, revelando a face mais cruel da realidade vigente.

A pandemia intensificou uma crise econômica que implicou negativamente nas relações de trabalho, ocorrendo um impacto econômico generalizado sobre a renda dos trabalhadores, principalmente os trabalhadores informais. A crise, colocou em evidência o fenômeno da precarização, cuja existência já era percebida anteriormente.

Assim, como em outros países, no Brasil, o acesso à proteção social sempre esteve condicionada majoritariamente ao trabalho formal, assim, o trabalhador informal não possui acesso aos mesmos direitos de um trabalhador com carteira assinada. Portanto, esses trabalhadores estavam incluídos entre os mais vulneráveis no período pandêmico, atingidos pelo desemprego e sem acesso às necessidades básicas, durante a fase mais intensa da pandemia.

É pertinente acentuar que entre o segmento populacional mais atingido, encontravam-se jovens, mulheres e negros. Segundo a professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – PPGS-UECE e coordenadora do grupo de pesquisa Observatório das Nacionalidades, Mônica Dias Martins, é necessário pontuar que:

A pandemia escancara as diferenças abissais que persistem influenciando os padrões sociais e negando a milhões direitos fundamentais à vida, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, ao lazer e à comunicação. Para a maioria dos brasileiros falta desde um enterro digno (e não em vala comum) até leitos e respiradores, sem mencionar internet e computadores para que estudantes continuem, em suas casas, o processo de aprendizagem (Martins, 2020, p. 165).

Outro indicador social que sofreu aumento significativo com a pandemia, foi a violência. Diferentes autores debruçaram-se nas possíveis causas associadas ao aumento desse indicador (COSTA, 2020; FREITAS, 2020; MATOS, 2020; PISANI, 2020; SILVA, 2020). Esses autores através de suas pesquisas, reforçaram e evidenciaram as possíveis causas do aumento da violência familiar na pandemia.

Segundo esses pesquisadores, na medida em que a população se via restrita ao convívio familiar, em espaços diminutos e sem acesso aos serviços públicos e instituições que compunham sua rede social, antes usadas para buscar ajuda, proteção e alternativas para uma realidade difícil e no momento fechadas ou prejudicadas, devido à interrupção ou diminuição das atividades prestadas, como: igrejas, creches, escolas e serviços de proteção social. Presenciou a intensificação dos inúmeros problemas econômicos e sociais da população vulnerável, criando um ambiente propício para o surgimento e aumento da violência.

Outro fator para o aumento da violência familiar, foi o deslocamento das prioridades dos serviços de saúde, para as ações voltadas à assistência aos pacientes com sintomas respiratórios e casos suspeitos e confirmados de COVID-19. Associado ao aumento do nível de estresse gerado pelo medo de adoecer, a incerteza sobre o futuro, a impossibilidade do convívio social, a perspectiva de redução de renda, e de desemprego, impactou especialmente as classes mais vulneráveis, onde o trabalho informal sempre foi a principal fonte de renda, sem esquecer, o aumento no consumo de bebidas alcoólicas e/ou outras substâncias psicoativas.

Um ponto a ser enfatizado é a sobrecarga feminina com trabalho doméstico, e dos diversos cuidados ligados aos papéis do gênero feminino, com os filhos, idosos e doentes, que produziram irritabilidade, reduzindo significativamente a capacidade de evitar o conflito, tornando a mulher mais vulnerável à violência psicológica, física e à coerção sexual.

Em sua pesquisa intitulada “Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura”, a pesquisadora Grazielle Testa Dulus (2020), torna explícito esse fenômeno:

As escolas e universidades tiveram aulas suspensas e o trabalho home office ganhou maior espaço. Essas medidas foram, e ainda são, extremamente necessárias para a preservação de vidas até que a doença seja melhor conhecida e tratamentos desenvolvidos. Deve-se considerar, no entanto, que a casa, lugar mais seguro da contaminação pelo coronavírus, torna-se o mais inseguro para as vítimas de violência, visto que as mesmas acabam convivendo mais tempo com seus agressores (Dulus, 2020, p. 02).

Aumenta também a violência contra à população idosa, infantil, adolescente e juvenil. Atingindo as famílias de forma desigual, condicionada com marcadores sociais como gênero, cor da pele, etnia, faixa etária, renda e extrato social. Segundo a publicação da FIOCRUZ, sobre Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19, fica claro que:

Em função da violência estrutural que atravessa o Brasil e que se expressa na desigualdade social, os deixando muito mais expostos ao adoecimento e à violência. Algumas populações que já acumulam discriminações e têm acesso dificultado aos serviços de saúde e a outros direitos sociais constitucionalmente garantidos estão entre as pessoas com baixa renda, vivendo em assentamentos informais, minorias, indígenas, migrantes e refugiados, pessoas privadas de liberdade, pessoas com deficiência, LGBTI, população em situação de rua, entre outros. (“Violência Doméstica e Familiar”, 2020).

Por fim, e não menos importante, outro índice a ser destacado durante a pandemia, foi o crescimento da intolerância religiosa. O Brasil, país laico juridicamente e signatário da

Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecidos pela ONU (Organização das Nações Unidas, 1948) , que tem na sua Constituição de 1988, o artigo 5º (Brasil, 1988, art. 5º), que assegura igualdade religiosa e laicidade do Estado Brasileiro, apresenta um elevado aumento desse indicador, durante a pandemia, provocando o interesse e análise de vários pesquisadores.

Segundo o professor (Nogueira, 2020, p. 20), “desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores”. Podemos inferir nesse contexto, a intolerância religiosa, como formadora do país enquanto nação.

Um processo resultante da colonização de índios e negros, catequisados e batizados nos rituais da religião católica dos colonizadores, e proibidos de exercer suas crenças religiosas, tendo seus sistemas culturais e de crenças deslegitimados, cuja perpetuação, observamos presente nos comportamentos de intolerância religiosa, existentes no Brasil contemporâneo e pandêmico. De acordo com Nogueira (2020), ao refletir sobre intolerância religiosa:

A expressão “intolerância religiosa” tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas (Nogueira, 2020, p. 21).

Voltando os olhos para o Brasil contemporâneo, “quando muito do que se identifica como religioso anda de braços dados com a intolerância e segue em várias direções” (Aquino, 2020, p.160), observamos a imbricação entre religião e política “com maior participação de evangélicos e de católicos conservadores ou ultraconservadores” (*Ibid.*, 2020, p. 160).

Alguns teóricos, como (PIERUCCI, 2011; ALMEIDA, 2018; BURITY, 2018; MARIANO, 2019; SOUZA, 2021), em suas análises, fazem a ligação entre o surgimento e adoção da Teologia da Prosperidade⁵ e Teologia do Domínio⁶, com a escalada em busca de um “projeto de poder”⁷, dos evangélicos. Em especial, as igrejas pentecostais, principalmente as

⁵ **Teologia da prosperidade** (também conhecida como **Evangelho da prosperidade**) “é um conjunto de crenças e afirmações, surgidas nos Estados Unidos, que afirma ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir”. (Campos, 1997, p. 363).

⁶ **Teologia do Domínio** é uma teologia que “define lugares do bem e do mal, que concebe um cenário em que os espíritos estão sendo disputados por forças malignas e benignas e as estratégias do mal seriam persuasivas, ludibrias, estariam sempre à espreita exigindo oração e vigia”. (Vital Da Cunha, 2023, p. 211). Tudo que se refere à luta do cristão contra o Diabo pode ser chamada de Teologia do Domínio.

⁷ **Plano de Poder** é um projeto de nação elaborado por Deus e caberia aos cristãos tomarem consciência deste, para ajudar a colocá-lo em prática. Sendo “um grande projeto de nação elaborado e pretendido pelo próprio Deus”

denominações chamadas neopentecostais. Essas teologias pregam, de acordo com Vital Da Cunha (2023), que:

[...] os inimigos, estão no plano espiritual, estão na política, está dentro de si próprio ameaçando o equilíbrio que possibilita a prosperidade, a vida plena. Esses sentimentos presentes, acionados constantemente nos ambientes cristãos, sobretudo pentecostais e carismáticos, formam uma condição de possibilidade para o combate direto a outras religiões ou o “fechar de olhos” para a violência que outros cometem em nome dessas teologias e sentimentos (Vital da Cunha, 2023, p. 212).

Essas teologias foram utilizadas como base ideológica pelas grandes denominações religiosas fundamentalistas brasileiras da contemporaneidade, que ao “vender” prosperidade e existência de um inimigo espiritual, demonizavam as doutrinas de matrizes africanas, associando o demônio ao negro e às religiões de matrizes africanas, o que implicou em aumento nos processos de racismo religioso e intolerância religiosa.

Feita essa ressalva, o Brasil, durante o início da pandemia, passava por um período, em que a religião exercia grande influência na política do país. O cenário político do período pandêmico era um painel de conversão de massa religiosa. De acordo com o sociólogo Jessé Souza (2021):

Na falta de uma tradição política verdadeiramente emancipatória, que explicita e almeje uma transformação estrutural, o ressentimento contra os de cima assume a forma do ressentimento reativo e meramente destrutivo do invejoso. Daí, o apoio a Bolsonaro conferido por esses setores sociais no ataque à arte, à universidade, à ciência e ao conhecimento em geral. Intuitivamente, eles percebem que o seu não acesso ao conhecimento legítimo condiciona sua situação de penúria e inferioridade objetiva (Souza, 2021, p. 276).

Essa simbiose, ficou evidente entre governo e as principais lideranças fundamentalistas religiosas, durante o agravamento da pandemia, e à exigência de adoções de restrições mais rigorosas para o enfrentamento da COVID-19, como a imposição de fechar estabelecimentos religiosos e isolamento social. Ocasionalmente verdadeiros embates nas arenas virtuais das redes sociais e web. De um lado cristãos contra o fechamento das Instituições religiosas e do outro cristãos a favor das medidas.

(GUERREIRO, 2021; ALMEIDA, 2021) em seu artigo sobre negacionismo religioso, corrobora nosso pensamento, ao explicitar que durante o governo do ex-presidente Bolsonaro (2019-2022), as medidas de combate a pandemia deveriam ter sido priorizadas, mas,

(Macedo, 2008, p. 8). Este projeto está detalhado no livro “Plano de poder – Deus, os cristãos e a política”, de Edir Macedo com Carlos Oliveira, lançado em 2008, esclarecendo nesse sentido, a intenção estadista e a formação de uma grande nação de Macedo.

foram negadas e tratadas com descaso, deboche e desconfiança, assim como toda informação científica produzida para o combate da doença. Além do governo, na figura do presidente, ser um dos responsáveis pela divulgação de inúmeras fake News.

Esse comportamento foi legitimado por figuras centrais de poder das doutrinas evangélicas ditas fundamentalistas, que formavam a base política de sustentação do ex-presidente. Dentre elas, podemos citar: Bispo Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), Pastor Marco Feliciano (Catedral do Avivamento/Assembleia de Deus), Pastor Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo), Missionário R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), o apóstolo Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus) , Pastor André Valadão (Igreja Batista da Lagoinha).

Esses líderes, usualmente atuam como empresários da comunicação, pertencentes à elite política-religiosa-empresarial, cujos interesses religiosos, políticos e econômicos mascaravam suas falas, em favor do governo supracitado.

A Dra. Christina Vital da Cunha em seu artigo “Intolerância religiosa nas cidades brasileiras: atores, números e enfrentamento”, publicado no II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, diz que:

Atores antes minoritários, violentados como os protestantes diante da hegemonia católica, são hoje algozes no contexto da Intolerância Religiosa. Mas, vale lembrar, não são os criadores desta narrativa ou ambiente de competição religiosa e institucional violenta. No entanto, boa parte dos líderes pentecostais, neopentecostais e protestantes são hoje, no Brasil, importantes produtores e difusores de narrativas de ódio, medo, produzindo sofrimento em amplos segmentos sociais (Vital da Cunha, 2023, p. 213).

Por fim, é importante enfatizar que durante o contexto pandêmico, a preocupação central do Estado consiste em salvar a economia, e por conta disso, utilizou-se uma política de viés neoliberal, em detrimento dos marginalizados e vulneráveis, cujo corpo foi considerado descartável, onde o “fazer morrer e deixar viver” era uma decisão estatal, em claro diálogo com o conceito explicitado de necropolítica pelo teórico Mbembe (2018). O negacionismo, foi empregado para esconder o total desmonte das políticas sociais e despreparo do governo, no combate da pandemia.

Tornando-se perceptível para a sociedade brasileira, através das políticas públicas adotadas pelo governo Bolsonaro, que determinadas vidas possuíam uma importância maior que outras, reafirmando para a população em situação de vulnerabilidade, seu pouco status e

valor. E atingindo sempre as mesmas categorias sociais, normalmente representadas por pobres, negros, mulheres, LGBTQIAP+ ⁸e jovens.

⁸ LGBTQIAPN+, significado: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários. (Lanuti; Gomes; Santos, 2022).

3 CAPÍTULO II – “O INFINITO É REALMENTE UM DOS DEUSES MAIS LINDOS”⁹: JUVENTUDE, PANDEMIA, RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE.

3.1 O universo das juventudes

Juventude tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma nação, segundo a (UNESCO, 2004), que definiu essa categoria como:

[...] um período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero. (UNESCO, 2004, p.23).

No Brasil, são considerados jovens, todos os indivíduos que estão na faixa etária de 15 a 29 anos (Estatuto da Juventude Atos Internacionais e Normas Correlatas, 2013). Como essa pesquisa tem enfoque na juventude universitária, aumentaremos a faixa etária mínima para 18 anos, que é a idade, onde costumeiramente se faz a entrada no âmbito universitário.

Feita essa ressalva, e para fins dessa pesquisa, utilizamos, conceitos pertencentes à sociologia da juventude, o que propiciou estabelecer conexões entre juventude, religião e pandemia.

A categoria juventude, se constituiu objeto de pesquisa de incontáveis teóricos da antropologia e sociologia. Esses pesquisadores, têm se debruçado sobre o que é juventude, suas definições, conceitos e especificidades. Para Weisheimer (2016), no prefácio do livro “*As juventudes e seus diferentes sujeitos*”, existem alguns conceitos, que permitem uma aproximação inicial com o universo das juventudes.

Esses conceitos citados pelo autor, foram utilizados como pressupostos iniciais para adentrar o campo teórico e os termos relacionados com a categoria em questão. Dentre eles, podemos citar: juventude, juventudes, condição juvenil, situação juvenil.

Ao discorrer sobre juventude, o teórico diz que:

A juventude é uma representação social, onde coabitam toda uma gama de símbolos e valores que envolvem a relação indivíduo e sociedade. Sendo a transição entre

⁹ Trecho extraído da letra “**Quase sem querer**”, composta por Dado Villa-Lobos / Renato Rocha / Renato Russo. Encontrada no álbum “**Dois**”, faixa 02, Lado 1, lançado em São Paulo, no ano de 1986. (Legião Urbana, 1986).

infância e vida adulta, percebida como “práticas sociais”. (Weisheimer, 2016 *apud* Silva, 2017, n.p.)

Para Esteves; Abramovay (2009), ao conceber o conceito de juventude, devemos pensar numa concepção múltipla de juventudes, onde essa categoria existe com diversidade culturais e sociais, que “as diferenciam umas das outras” (Tavares, 2017, p. 41), mas ao mesmo tempo possuem semelhanças e peculiaridades inerentes da categoria social juventude. Conforme dialogam em seu artigo sobre a constituição da categoria juventude Esteves; Abramovay (2009), pontuam que:

A realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades (Esteves; Abramovay, 2009, p. 23).

Se antes, poderíamos colocar o jovem periférico, negro, num mesmo conceito etário ocupado por outro jovem classe média branco, é necessário agora, analisar as múltiplas influências culturais, que uma vivência da “condição juvenil moderna”, produz, Groppo (2016).

Embora a condição juvenil “reflita as representações, as imagens e os discursos sobre os jovens”, (Silva, 2021, p. 344), nem sempre corresponde a idealização feita pela sociedade, acontecendo a “situação juvenil”, (Silva; Freitas, 2022, p.178), que é, a vivência dessa condição. Condição juvenil, é, portanto, composta por todas as subjetividades que fazem parte do sujeito e de como ele se comportará perante a vida e perante a sociedade.

Nesse sentido, podemos perceber que a condição juvenil “é vivida de forma desigual e diversa em virtude da origem social e de níveis de renda familiar” segundo (Novaes; Vital, 2005, p. 111). Um aspecto bastante acentuado durante a pandemia, onde a juventude vivenciou essas experiências de acordo com “seus diferentes pertencimentos: classe, raça, gênero, territorialidade, dentre outros” (Bittencourt; Pereira, 2020, p.337).

É interessante pontuar outro termo utilizado em estudos sobre juventudes, desenvolvido por Groppo (2016), que diz respeito a “dialética da juventude”, para o autor, é importante que existam e sejam desenvolvidos dentro da categoria juventude, autonomia, valores próprios e identidades, parecidas ou diferentes dos padrões sociais vigentes, afinal, essa é a relação dialética que se passa no fenômeno juventude, ao mesmo tempo em que se busca autonomia, existe a necessidade da padronização, essa dialética é importante para analisar por exemplo, como as juventudes vivenciaram suas “sociabilidades juvenis” (Silva; Santos, 2022, p.1) , durante a pandemia de COVID-19.

Esses fatores são evidenciados no período pandêmico onde o sofrimento emocional, social e financeiro, esteve presente num grau máximo, deixando marcas profundas, que careceram de tempo para serem superadas.

3.2 Pandemia, religião e religiosidade da juventude

Com o início da pandemia, os jovens foram considerados como o grupo menos vulnerável ao coronavírus, porém o que não foi dito, eram as persistentes vulnerabilidades sociais, que afetavam uma grande parte da juventude brasileira. É importante salientar, conforme discorrem em seu artigo Silva; Santos (2022), sobre pandemia e juventude, que:

Com a pandemia do novo coronavírus, as desigualdades sociais foram amplificadas e colocaram cada vez mais em evidência a necessidade de entender as particularidades e descortinar os horizontes da homogeneidade que tendem a invisibilizar emoções, fragilidades, vicissitudes, vulnerabilidade e possibilidades na vida das juventudes (Silva; Santos, 2022, p. 205).

Com sua mobilidade restringida, devido as medidas tomadas para contenção da pandemia, esse jovem, é forçado a estagnar sua “transição para vida adulta”, (Luz *et al.*, 2020, p. 186). Surgindo uma série de problemas e dificuldades relacionadas à vivência da sua condição juvenil, já que a mesma, corresponde ao modo como a sociedade posiciona os jovens no agrupamento das relações sociais. Sendo essa condição perpassada pelos demarcadores de raça, gênero, classe social. Mais uma vez, clarificando as profundas desigualdades existentes nas juventudes brasileira. Para (Luz *et al.*, 2020):

Durante a pandemia, ganhar a vida, mesmo em condições sanitárias inadequadas; circulando em duas rodas, trabalhando como entregador; atravessando dias em frente de uma tela de computador ou celular; são formas possíveis de percorrer uma travessia incerta e também de alimentar esperanças possíveis de agenciamento e sociabilidade pós-pandemia (Luz *et al.*, 2020, p. 187).

Um dos principais impactos do isolamento para a juventude, se dá no quesito educação. Com o avanço da pandemia, é preciso adotar formas alternativas para sua manutenção e garantia. Ao analisar esse aspecto (Silva; Santos, 2022, p. 203), fazem a seguinte afirmação: “o distanciamento físico entre os jovens e professores produziu sobre os estudantes certos traumas e dispersões quando os conteúdos acabaram sendo ministrados na precariedade da virtualidade do ensino”.

É importante destacar que durante o período pandêmico, com a adoção de atividades síncronas¹⁰ e atividades assíncronas¹¹, realizadas por inúmeras Instituições, estudantes e professores tiveram problemas de adaptação. Fatores como, falta de preparo e capacitação, acesso aos meios tecnológicos, problemas de conectividade, acesso e acessibilidade as plataformas digitais, falta de espaços físicos adequados, sobrecarga familiar, emocional, entre os principais a serem destacados. Provocando um profundo sentimento de desmotivação e incertezas em seu percurso acadêmico.

Outro aspecto que afetou muitos jovens durante a pandemia, foi a necessidade de voltar ao lar e abdicar da sua breve emancipação, por conta dos problemas financeiros impostos pela crescente taxa de desemprego e também o fechamento das universidades. Esse jovem vislumbrou uma autonomia emocional, financeira e com a crise pandêmica, precisou abrir mão dessas primeiras conquistas e se submeter à precarização, aceitando bicos, trabalhos inseguros, insalubres, estafantes, com o intuito de garantir sua sobrevivência e de sua família. Podemos afirmar que:

[...]parte das juventudes não puderam fazer escolhas e dar continuidade a projetos que antes desenvolviam sem, contudo, deixar o estudo e se lançarem em um trabalho precário. No entanto, a grande maioria deixou de estudar e passou a vivenciar experiências de trabalhos precários que exploram todo o tempo suas condições objetivas e subjetivas de vida. Entre os jovens estudantes, a realização de um “bico” foi a única alternativa, uma vez que essas outras alternativas não eram possíveis (Luz *et al.*, 2022. p.152).

Diante de todos esses fatores, é crucial uma reflexão sobre a fragilidade da saúde mental, desse jovem. Voltando os olhos para juventude universitária, observamos que o ensino superior público sofria por parte do Governo, uma série de cortes em suas verbas, ocasionando uma série de precarizações, impactando a experiência de formação acadêmica desses jovens. Segundo o artigo intitulado “Garrafas ao mar”: juventude universitária em tempos de pandemia:

¹⁰ Atividades Síncronas: compreende-se aquelas que dispõem de um espaço-tempo comum, previamente estabelecido, entre estudante-professor para sua realização, momento esse em que estudantes e professores precisam estar presentes, ao mesmo tempo, na plataforma escolhida para a realização. PRATA, Danilo Nogueira. **Assíncrono vs. Síncrono no Contexto da Educação Superior Pós-Pandemia**. Disponível em: <https://riu.cead.unb.br/orientacoes/2-publicacoes/76-sincrono-assincrono>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹ Atividades Assíncronas: compreende-se aquelas que não dispõem de um tempo comum para serem realizadas pelos estudantes. Nesse sentido, o estudante pode realizar sua intervenção de resposta participando a qualquer momento (em um período estipulado previamente ou não), sem, necessariamente, estar de forma simultânea presente com outros colegas ou com o professor no ambiente escolhido para interação. PRATA, Danilo Nogueira. **Assíncrono vs. Síncrono no Contexto da Educação Superior Pós-Pandemia**. Disponível em: <https://riu.cead.unb.br/orientacoes/2-publicacoes/76-sincrono-assincrono>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Nas Universidades Federais, a crise econômica levou a cortes nos recursos, com redução das bolsas de pesquisa, de extensão e dos incentivos voltados para a garantia de permanência do corpo discente, em especial oriundo de camadas menos favorecidas economicamente, inclusive as que precisaram sair de suas comunidades de origem para cursar a graduação (Jucá *et al.*, 2021. p.02).

Nesse contexto, a juventude universitária precisou lidar com as pressões da vida acadêmica, dificuldades com os cortes de verbas e insegurança em relação ao futuro. Entretanto, esse jovem, possuía ainda o acesso ao espaço acadêmico garantido, mesmo com os inúmeros problemas existentes. Ocorrendo possibilidade de estabelecer relações de afeto, de trocas, empatia, solidariedade e socialização com seus pares, estabelecendo vínculos com discentes e docentes.

Com o início da pandemia de COVID-19, esses espaços educacionais e de socialização, são fechados. Conforme é sinalizado em seu artigo (Silva; Freitas, 2022, p.179) : “o fechamento de escolas e o distanciamento físico frustraram projetos e perspectivas de muitos estudantes, que não puderam sair de casa para estudar, diminuindo interações físicas ao se considerar o espaço escolar como local de encontros”.

Mediante esse contexto, essas juventudes vivenciaram de maneira diversa e desigual o período pandêmico, de acordo com sua situação juvenil. Para uma parte menos favorecida, não existiu trabalho, cultura, moradia, saúde, educação e outros direitos. Enquanto os mais abastados, estiveram confortáveis e possuíam todas as comodidades necessárias para existir/resistir durante à pandemia.

No entanto, apesar dessas diferenças, existem pontos convergentes nas juventudes. Em seu artigo, Luz *et al.* (2020), sinaliza diversos pontos sobre essas similaridades vividas na pandemia, segundo esses autores:

as características em comum giram em torno da dificuldade de aprender sem a presença física do professor e da falta de concentração (aparelhos ligados, presença de membros da família e dispersão nas redes sociais, entre outros inconvenientes). (Luz *et al.*, 2020, p. 188)

Os sentimentos acarretados na crise sanitária, como medo de ficar doente, perder entes queridos, as restrições de ir e vir e a falta de contato físico, também são pontos comuns desse universo plural e diverso. Provocando inúmeros gatilhos, resultando em adoecimento emocional e físico da juventude. Corroborando essa ideia, Jucá *et al.* (2021) diz que:

Dor psíquica, angústia, medo são experiências que se inscrevem com o avanço da pandemia, o luto do cotidiano, a perda de parentes e de pessoas conhecidas, a

intensificação do convívio (e dos conflitos) familiares e as incertezas sobre a retomada das aulas, bem como tempo de conclusão do curso (Jucá *et al.*, 2021, p.12).

O pesquisador Porreca (2020) ao tentar entender o período pandêmico, diz que em momentos extremos, onde a morte é uma possibilidade iminente, se busca entender o sentido da vida, surgindo dúvidas e ideias sobre a mesma. Com a morte à espreita, produzimos uma série de reflexões pessoais, onde cada um revisita sua história, buscando um significado real para experiências vividas.

Essas percepções podem contribuir para o futuro pós pandêmico e também oferecem desafios no presente. Tornando vivência e busca por religião e religiosidade um caminho possível de suportar as angústias emocionais. Estando a juventude inserida no contexto pandêmico, é fundamental entender os mecanismos presentes nesse processo.

Regina Novaes (2018), ao analisar a imbricação juventude universitária e religião na contemporaneidade, faz o seguinte comentário em um dos seus artigos, que vem corroborar com a discussão proposta:

É preciso analisar as religiões dos jovens de hoje cotejando-as com as maneiras de estar no mundo de hoje. Isto significa que as autodefinições dos jovens de hoje têm que ser pensadas em suas inter-relações entre o campo religioso e a sociedade em transformação (Novaes, 2018, p. 22).

Ao considerarmos o contexto das ciências humanas, várias pesquisas buscaram entender esse momento de transição, o qual se situa a inserção do jovem no ambiente universitário. Percebendo o mesmo, enquanto múltiplo, com suas vivências e subjetividade atravessadas por diversos fatores e elementos significativos, tais como, religião/religiosidade. Salientando que religião é um dos elementos que constitui a formação subjetiva desses indivíduos.

Esse jovem tem a liberdade de experienciar religião/religiosidade a partir de suas particularidades e identificações, porém, ainda existe um forte vínculo social e coletivo envolvido em tais experimentações. Camurça; Tavares (2004) em suas pesquisas, nos relatam sobre a entrada na universidade e como ela representa para a/o estudante, um mergulho em um novo mundo de relações, transições e mudanças psíquicas, sociais.

Contextualizando esse recorte, é pertinente localizar o jovem, no nosso caso, universitário, numa sociedade pós-moderna, secularizada, individualista, globalizada, consumista, com forte viés de trajetórias religiosas múltiplas. E que traz dentro de si, marcas de

um período pandêmico recente.

A Professora e antropóloga Regina Novaes (2018), ao falar sobre o jovem contemporâneo, afirma que ele, carrega alguns receios: “o medo de sobrar por não encontrar seu lugar em um mundo do trabalho restritivo e mutante; o medo de se sentir desconectado neste mundo altamente conectado; o medo de morrer cedo e de maneira violenta” (Novaes, 2018, p. 366).

Nesse sentido e num diálogo com Sofiati (2018), pensar a “religiosidade” para contextualizar a vivência religiosa das juventudes, ajuda a entender a dimensão do sagrado para esses indivíduos, num período de crise e insegurança, como foi a pandemia de COVID-19.

4 CAPÍTULO III – “DE DENTRO PRA FORA, DE FORA PRA DENTRO¹²”: O ENCONTRO POSSÍVEL ENTRE A PESQUISADORA E O PESQUISADO.

Com a finalidade de subsidiar à preparação do Trabalho de Conclusão de Curso, tivemos inicialmente a elaboração de um pré-projeto na disciplina de TCC1. Durante a especulação do tema a ser pesquisado, revisei temas de interesse e de formações feitas, no decorrer da graduação. Percebendo que sempre voltei meu interesse, para temática religião e como ela se relaciona com a construção do indivíduo.

Outro fato importante para escolha do tema, foi uma provocação lançada no início do primeiro período, por uma professora do DECISO, onde seu diálogo sobre a importância de pesquisar o “quintal”, em referência ao curso de ciências sociais e a universidade, despertou uma inquietação em pesquisar sobre juventude, em especial a universitária.

Por fim, com o advento da crise sanitária e todos os impactos sociais, econômicos e emocionais trazidas por ela, percebi a necessidade de inclui-la, nesse estudo, como um recorte de um período marcante.

Escolhida a temática, traçou-se algumas metas de execução, organização do tempo e subsídios para elaboração da pesquisa, como sondagens bibliográficas que fornecessem aporte teórico ao tema escolhido. Escolhidas as bibliografias, foram realizadas leituras sobre juventude, religião e pandemia. Esse momento, foi decisivo na escolha dos principais teóricos para o embasamento da pesquisa.

O pré-projeto foi executado e bem recebido pelo meio acadêmico, o que trouxe fôlego para utilização do mesmo, na construção do trabalho final de conclusão de curso.

4.1 Primeiras impressões, construindo pontes, caminhos percorridos.

Ao escolher o tema de pesquisa, foram feitos diálogos com a orientadora, sobre ir à campo, para realizar um levantamento exploratório, com o intuito de clarificar e delimitar conceitos e hipóteses levantadas durante a construção do pré-projeto. Essa primeira interação com o campo foi de suma importância para identificar locais de aproximação com os sujeitos da pesquisa, estabelecer contato inicial e perceber a receptividade dos mesmos.

¹² Trecho extraído da letra “**Serra do Luar**”, composta por Walter Franco e gravada por Leila Pinheiro. Encontrada no álbum “**Outras Caras**”, faixa 03, lançado em São Paulo, no ano de 1991. (Leila Pinheiro, 1991).

O mês de dezembro de 2022, foi escolhido para essa primeira experiência e mesmo sendo um espaço geográfico relativamente conhecido, por estar inserida nele, como estudante desta Instituição, fui exercitar como nos fala (Oliveira, 1996, p. 13) “o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”.

Destacamos a importância da ida ao campo e de conviver com os sujeitos da pesquisa, como destaca (Goldenberg, 2015, p. 23) “o melhor instrumento de que o antropólogo dispõe para compreender “de dentro” o significado das lógicas particulares características de cada cultura”. Outro item basilar nesse contexto, é o diário de campo na observação e construção de dados.

Durante esse período, foi elaborado um pequeno instrumento exploratório, contendo primeiras indagações sobre o tema, cuja construção foi previamente definida e elaborada juntamente com a orientadora, conforme apresentado no anexo 1.

Ao todo, nessa primeira inserção ao campo, foram abordadas 15 (quinze) pessoas, das quais 5 (cinco) mostraram interesse em participar das entrevistas para o TCC e atendiam aos requisitos necessários e delimitados para entrevista, e que serão explicitados ao discorrer sobre os sujeitos da pesquisa.

Notamos uma pequena dissonância entre a ideia inicial e a execução, sendo necessário ajustes, para facilitar a adesão dos possíveis sujeitos da pesquisa. Estar em campo, mostrou a viabilidade do tema a ser pesquisado e a possibilidade de efetuar a pesquisa, na área geográfica delimitada.

Optamos por esperar o término do ano e voltar ao campo, somente em março de 2023. Esse tempo foi ideal para amadurecer uma abordagem qualitativa no tratamento dos dados, que conforme (Minayo, 2019, p.20) “se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Estabelecemos para busca de dados, o método etnográfico, segundo Hammerley e Atkinson:

Envolve uma abordagem mais deliberada e sistemática do que aquela comum para a maioria de nós, na maior parte do tempo; os dados são buscados especificamente para esclarecer as questões de pesquisa, são cuidadosamente registrados, e o processo de análise se apoia em estudos anteriores e envolve grande reflexão, incluindo a análise crítica de interpretações divergentes (Hammerley; Atkinson, 2022, p. 23).

Utilizamos como técnicas de coleta de dados: a observação participante natural, descrita por (Gil, 2007, p. 113) como: “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga”. Além da entrevista semiestruturada, onde a definição de (Minayo, 2019,

p. 59), diz que: “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Definidos abordagem, método, técnicas, e sabendo que nossa pesquisa seria localizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no Campus Dois Irmãos/Sede, com estudantes universitários, partimos para delimitar o local do trabalho de campo e estratégias a serem utilizadas. A opção foi por lugares onde houvesse a maior circulação desses sujeitos.

Os lugares escolhidos foram: a fila de acesso para o restaurante universitário e arredores, a Biblioteca Setorial Manuel Correia de Andrade, a Praça do CEGOE e os acessos de entrada da universidade.

A fila para o restaurante universitário mostrou-se interessante na perspectiva da diversidade dos sujeitos, porém não foi ideal, já que, nesse momento, o foco era o almoço. Notamos em campo, que após o almoço, os estudantes estavam predispostos a colaborar.

Foram abordados cerca de 42 estudantes, procurando identificar quais encaixavam em nosso perfil de pesquisa e estavam dispostos a colaborar, respondendo a entrevista. Somente 24 encaixavam no perfil desejado, depois de uma breve explicação, chegamos ao número final de 15 estudantes.

No decorrer do trabalho de campo, ficou evidenciada uma leve desconfiança por parte dos estudantes, principalmente das mulheres, até ser feito um breve relato de qual motivo nos levou ali. Quando percebiam ser uma parte importante para conclusão do curso, existia receptividade, solidariedade e empatia com a pesquisadora.

Foram 2 semanas de abordagens e marcações de entrevista, sempre respeitando o tempo e horário desse estudante. Algumas entrevistas ocorreram nos arredores da Reitoria, após o almoço. Outras, foi preciso marcar em outros ambientes, como sala de aula, praça do CEGOE. Apenas uma, ocorreu de maneira online, por falta de tempo do entrevistado.

Durante o processo das entrevistas, somente uma pessoa faltou, não dando explicações ou entrando posteriormente em contato. Ouvir os sujeitos, foi uma experiência enriquecedora, possibilitando obter respostas para as indagações da pesquisa, reafirmando as reflexões abordadas em seu percurso acadêmico, por Minayo, (2019), sobre a pesquisa de campo: “depende, de um lado, da boa preparação realizada na fase exploratória; de outro, da capacidade do pesquisador estabelecer relações e observações que possam confirmar ou refutar suas hipóteses e suas propostas teóricas” (Minayo, 2019, p.25).

As entrevistas foram gravadas utilizando o smartphone e depois devidamente transcritas, com o consentimento dos entrevistados, verbalmente sobre uso de voz e imagem, e

assinatura espontânea, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Isso incluiu também, o estudante que fez sua entrevista, de maneira online (Anexo 2).

É imprescindível destacar a importância das entrevistas, para construção do corpus dessa monografia, através do diálogo e questionamento com os sujeitos da pesquisa, obtivemos dados fundamentais, que validam o propósito da pesquisa.

A entrevista consistiu em 13 perguntas (Anexo 3). Essas perguntas seguiam o modelo que Gil (2007) explicita em seu livro Pesquisa Social, ou seja, curtas, de fácil leitura, entendimento, além de questões-chaves, que oportunizem ao entrevistado falar de maneira fluida e livre. Possibilitando assim, a compreensão e análise das pertencas e vivências religiosas, antes e durante a pandemia, desses sujeitos.

4.2 “Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter”.

O perfil dos nossos entrevistados, está baseado na definição de juventude, conforme explicitamos no corpo dessa monografia e conforme o Estatuto da Juventude, que compreendendo para efeito de lei e diretrizes, que os/as jovens são as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

Para fins dessa pesquisa, optamos por um recorte de 18 (dezoito) até 29 (vinte e nove) anos. Aceita no meio social, como idade de entrada nas Universidades e a faixa etária que foi investigada nesse trabalho.

Outro critério utilizado, foi ser aluno da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, do Campus Dois Irmãos/Sede. Possuir vínculo com a Instituição em março de 2023. E durante o levantamento inicial, declarar algum tipo de pertença religiosa ou identificar-se como religioso, sem necessariamente pertencer ou frequentar qualquer tipo de denominação religiosa.

Feita essa ressalva, e durante a observação participante, obtivemos o número de 15 estudantes enquadrados nos critérios dessa pesquisa. Sendo 9 mulheres e 6 homens.

Esses estudantes, estavam na faixa etária dos 19 (dezenove) até os 28 (vinte e oito) anos de idade, em diversos semestres e diferentes cursos de graduação, oferecidos no Campus Dois Irmãos, conforme identificado ao longo da análise das entrevistas, perfazendo um total de 12 (doze) cursos de graduações diferentes.

São eles: Letras/Português (1), Licenciatura em Computação (1), Licenciatura em Biologia (1), Licenciatura em Ciências Biológicas (1), Licenciatura em Educação Física (1),

Engenharia Ambiental (1), Pedagogia (1), Química (1), bacharelado em Zootecnia (1), Medicina Veterinária (2), bacharelado em Ciências Biológicas (1) e bacharelado de Ciências Sociais (3).

Identificamos nas análises das entrevistas várias pertenças religiosas, podemos citar: Catolicismo (5), Espiritismo Kardecista (3), Evangélicos da denominação Assembleia de Deus (2), Candomblé (1), União do Vegetal (Tradições Esotéricas) (1). Alguns sujeitos identificaram-se como sem-religião (2), conceito que será abordado durante a análise das entrevistas, e também como portadores de religiosidade (1).

A fim de preservar o anonimato dos nossos entrevistados, e mesmo com o consentimento do uso de imagem e fala, conforme o anexo 2, optamos em identificá-los no corpo da pesquisa, com nomes fictícios, respeitando o gênero desse interlocutor, identificado na pesquisa.

5 CAPÍTULO IV – “MEU PAI SOU TÃO FRÁGIL, CURA AS FERIDAS, TIRA MINHA DOR¹³”: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS E CONFIRMAÇÃO DA HIPÓTESE.

Nesse capítulo, trazemos fragmentos das entrevistas realizadas, com o objetivo de responder as perguntas que norteiam esse trabalho além de clarificar e validar a hipótese proposta: “religião e religiosidade, como mecanismo de suporte na pandemia, pela juventude universitária da UFRPE/SEDE”.

Escolhemos o método da interpretação de sentidos, que para (Gomes. 2019, p. 94), é: “[...] uma tentativa de avançarmos mais na interpretação, caminhando além dos conteúdos de textos na direção de seus contextos e revelando as lógicas e as explicações mais abrangentes presentes numa determinada cultura acerca de um determinado tema”.

Na organização dos dados encontrados, utilizou-se as recomendações sugeridas em Gomes (2019). São elas: a escuta do todo, a fim de impregnar-se do conjunto e à descoberta das particularidades; recorte temático e identificação; problematização das ideias explícitas e implícitas nos discursos e reconhecimento; busca de sentidos mais abrangentes e velados nas falas dos sujeitos pesquisados; conversas entre ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto; elaboração de síntese interpretativa, procurando conectar o objetivo do estudo, dados empíricos e o arcabouço teórico adotado.

Para contextualizar esses questionamentos, é necessário voltar a modernidade e suas formas de vivenciar o sagrado.

Peter Berger (1985), desde seus primeiros trabalhos dedicou-se ao tema da secularização, fazendo um breve relato sobre, em seu livro “O dossel sagrado”. O autor se ocupa em explicar a “crise de credibilidade” da religião e o seu deslocamento da vida cotidiana e de setores significativos da população. Relatando a existência de um processo de privatização da religião, provocando sua redução ao domínio do indivíduo ou dos pequenos grupos. Acontecendo para o teórico, o movimento de pluralismo religioso, resultado da ruptura do monopólio religioso e a instauração de uma situação de competição entre definições distintas da realidade.

¹³ Trecho extraído da letra “**Súplicas a OMULÜ**”, composta por Monique Moura. Encontrada no canal de Youtube “**Rosa Amarela**”, lançado em 2021 (Rosa Amarela, 2021).

Berger, conceitua secularização como: “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (Berger, 1985, p. 34). Para o teórico, a secularização se dá em dois níveis: no nível subjetivo da consciência e no nível da sociedade e da cultura.

No decorrer de seus estudos, o sociólogo acreditava numa diminuição do fenômeno religioso, mas ficou claro com o advento da pós-modernidade, uma ressignificação dessa expectativa, detectada em suas últimas obras e por outros pares, especialmente a autora Hervieu-Léger (2008), que faz a seguinte colocação:

Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “assuntos de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja (Hervieu-Léger, 2008, p. 34).

No Brasil, inúmeros teóricos como Novaes (2018), Camurça; Tavares; Perez (2015), Ribeiro (2006), Sofiati (2013), dialogam com essa ideia na imbricação, juventude universitária, religião, reencantamento e pluralidade religiosa.

Discorrendo sobre juventude e religião, Regina Novaes dá uma pista importante sobre o tema:

[...] podemos observar com mais clareza mudanças mais amplas da sociedade, por isto mesmo são os/as jovens que nos permitem visualizar o que vem se modificando no interior movimentado campo religioso brasileiro. Sua “vida religiosa” e “seus pertencimentos” só podem ser compreendidos se levarmos em conta características da sociedade contemporânea em suas inter-relações entre territórios e redes (Novaes, 2017).

Notamos, que dados e resultados encontrados na pesquisa, validam essas afirmações. Para esses jovens “não se trata mais da religião, mas de religiosidades, ou mais ainda, de sensibilidades religiosamente fundadas que acionam o sagrado” (Camurça; Tavares; Perez, 2015, p. 425).

Diante desse panorama de crenças e pertencimentos religiosos, voltaremos os olhos para a temática dessa pesquisa. Optamos por analisar esses dados, através da estrutura pré-existente, conforme tipificada aqui: objetivo geral e objetivos específicos. Interpretando esses dados, em consonância com os teóricos que embasam nossa pesquisa.

5.1 Análise dos dados obtidos.

Para responder essas indagações, adotaremos a estratégia de responder primeiro aos objetivos específicos e como fim, tentaremos responder ao objeto geral e a hipótese que permeia esse estudo.

O primeiro objetivo proposto é : **identificar as pluralidades religiosas existentes entre os jovens universitários do Campus Dois Irmãos SEDE/Recife da UFRPE.**

Voltando à análise dos dados obtidos, ao responder à pergunta do roteiro de entrevista sobre crença religiosa. Em um universo de 15 estudantes, encontramos 5 (cinco) denominações religiosas diferentes, além do fenômeno dos “sem-religião”.

Reproduzimos algumas respostas obtidas: Zélia “sou espírita”, Milton “sou católico”, Bethânia “sou do candomblé”, Raul “sou da união do vegetal”, Cassiane “sou evangélica”, Rita “não tenho religião”.

Concluimos portando, que o jovem universitário da UFRPE, tem demarcado seu pertencimento religioso, e para nossa surpresa, com uma prevalência da religião católica. Respondendo o questionamento sobre crença religiosa, esses estudantes mostram uma “crescente adesão aos movimentos religiosos, principalmente às igrejas e correntes do pentecostalismo católico e evangélico. A religião se consolidou como uma das principais formas de organização grupal da juventude” (Sofiati, 2013, p. 36).

Nessa pesquisa, optamos pela definição de religião, ofertada por Émile Durkheim (1858-1917), um dos principais teóricos da sociologia. O autor, em seu livro “As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália”, ao conceituar religião, diz que é: “[...] um sistema solidário de crenças seguites e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a elas aderem” (Durkheim, 2018, p. 79).

O sociólogo, acredita que refletir sobre religião, está intrinsicamente ligado em pensar a igreja, na visão do autor, religião é eminentemente coletiva.

Enfatizando o fenômeno dos “sem religião”, Novaes descreve em seu artigo: “Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares”, como:

[...] expressões locais de um global “espírito da época” no qual se expande o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal” (Novaes, 2004, p. 326).

Esse jovem “sem religião”, não pode ser enquadrado em segmentos ou nomeado como ateu ou agnóstico. Muitos estão em momento transitório, onde não estão vinculados a

nenhuma instituição religiosa, mas guardam em si, crenças de um período antigo, combinando diversos elementos de fé, numa “bricolagem” infinita.

Relatamos o depoimento da estudante, Marina. Ao ser questionada sobre sua crença religiosa, Marina fala com mágoa na voz: “Hoje em dia não mais né...? Eu tenho a minha fé, mas eu não frequento igreja ou pelo menos não pretendo fazer isso por um tempo...” (Marina, 2023)

Como enquadrar Marina na “caixinha” dos sem religião? Se ela traz em si, marcas de um pertencimento religioso, se no presente, a Instituição Religiosa representa sofrimento, incômodo, um lugar onde não se sente acolhida e nem quer voltar, demonstrando descrédito e desilusão com a instituição religiosa que pertencia. Seu relato, demonstra uma prática individual da religiosidade, atrelada a fé, palavra enfatizada em seu discurso. Marina deve ser enquadrada no segmento nomeado de “religiosos sem religião”.

Já Caetano, em seu relato diz “Minha crença religiosa é cristã”, sem identificar-se com algum tipo de instituição religiosa, deixando claro que não pertence ou frequenta nenhuma.

Rita, e sua resposta a essa indagação, nos faz perceber um universo de novas experiências, em que, a religiosidade é vivenciada através dos inúmeros “trânsitos religiosos” Novaes (2018) , em busca de uma reconexão espiritual, permitindo experimentar diversas crenças religiosas e tirando delas, o que faz sentido no instante atual.

Eu não tenho uma crença religiosa. Assim eu acho que, o que por um tempo fez sentido pra mim. Assim, fiz várias coisas durante a vida, né? Tipo, eu fui batizada na igreja católica e depois meus pais me levavam pra centro espírita, só que tipo eu mesma não fazia isso pela minha vontade, era mais porque eles que levavam né? Não, que eu não gostasse eu acho que no Centro Espírita até tipo achava legal e tal, mas, pra ver ir à missa essas coisas da igreja católica eu não gostava, eu só ia pra catequese feliz porque tinha minhas amigas lá. Eu consegui fazer, mas eu sempre fugia quando eu podia. Mas, é e aí eu não sei se tô fugindo muito da sua pergunta, tô explicando assim meio que a minha trajetória e aí depois que eu fiquei mais velha eu fui procurando minhas formas de conectar com a espiritualidade, né? E aí foi que eu comecei a ir alguns terreiros, eu fui em terreiro de candomblé e de umbanda. (Rita, 2023)

Mas, o que é afinal religiosidade? De acordo com o sociólogo Simmel (1997), citado por Ribeiro (2006), inferimos que:

A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental... uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita, ou não, em Deus (Simmel, 1997, p. 05 apud Ribeiro, 2006, p. 117).

Marina, Rita e Caetano, jovens entrevistados por nós, e que se declaram sem religião, tecem vivências e práticas religiosas independentes de uma religião institucionalizada. Constroem suas trajetórias religiosas individualmente, com liberdade e autonomia, se religião

para o sociólogo Durkheim (2018) é “coletiva”, a religiosidade é “individual” de acordo com Simmel (2009).

Ribeiro (2006), deixa claro ao pensar no elemento fé, do jovem sem religião: “a reflexão de Simmel sobre a fé, entendida como uma atitude “humana” de confiança e considerada o cerne da religiosidade”. Para o teórico, uma vontade de elaborar sentido e construir seu próprio caminho. Sua fé, chamada por Simmel¹⁴ de religiosidade, é importante, ao oferecer confiança no futuro, nas suas ações e opções.

Por fim, a socióloga Fernandes (2012) refletindo sobre religiosidade, enfatiza o fenômeno dos “sem religião”, exemplificando um momento de redefinição de identidade dos sujeitos. Esse fenômeno, está vinculado segundo a socióloga, uma “(re) construção de identidade [...] em que os fiéis buscam elementos mais subjetivos ainda que possam valorizar aspectos da tradição” (“A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. Entrevista especial com Sílvia Fernandes”, 2012).

Nosso próximo passo, é **verificar relações entre a vivência religiosa e a vida universitária dos nossos entrevistados, no caso, alunos da UFRPE, Dois Irmãos**. As perguntas que possibilitam responder essa indagação, foram as seguintes: Frequentava algum espaço ou grupo religiosos antes da pandemia? Qual a importância desses espaços/grupos para você?

Bethânia (25 anos), relata a importância da sua crença e do espaço que frequenta, para escolha do seu curso. Sua pertença religiosa, atravessa os aspectos sociais, educacionais, sendo preponderante até para escolha de uma futura carreira. No caso de Bethânia, a validação oferecida por seu Orixá, foi decisiva para decidir seu futuro profissional. Importante também perceber seu desapontamento com o ambiente educacional acadêmico.

“Joguei (búzios) pra saber do “curso” porque é mais perto de casa. É um curso que eu vou ter como base pra ter tipo uma visão melhor de mundo e tal, das coisas e ver se dá certo. Aí quem respondeu no jogo foi o meu próprio orixá, e a mensagem dela foi tipo é faça sua escolha o que você escolher eu vou estar lhe apoiando, vou estar do seu lado. Aí eu peguei e escolhi “o curso” nem perguntei mais nada. Se ela ia estar do meu lado em qualquer escolha que eu fosse fazer, escolhi e foi muito engraçado entrar no curso assim porque eu tinha muito a ideia que produzir ciências é algo revolucionário né? Ser algo tipo ah aquelas a gente vê

¹⁴ Simmel ao teorizar sobre religiosidade, enfatiza uma disposição do indivíduo, realizada na dimensão da subjetividade. A religiosidade, vem antes da religião. Sendo uma disposição irreduzível e fundamental da alma. (Simmel, 2010)

aquelas matérias de ah! Primeira mulher é fazer não sei o quê ou senão tipo cientista descobre tal coisa e tal. Quando eu entrei na universidade acho que foi um balde d'água”.

Cassiane (24 anos), evangélica, pertencente a uma igreja tradicional cristã, além de pontuar a importância desse espaço como reafirmação da sua fé cristã e um local de aprendizado sobre sua religião, faz questão de ressaltar os projetos sociais da igreja que pertence. Abaixo, segue seu relato.

“Sim, posso dizer a localização dela? É a igreja lá do Recife. É um espaço que a gente comunica com a fé cristã né? E tem questões sobre conhecimento da fé e doutrina e como aprender mais de Deus. É importante também a comunidade se ajudar. Lá tem muitos projetos sociais”.

Novaes (2020), explicita essa questão, ao refletir sobre Igrejas evangélicas, seus espaços e dinâmicas:

Para a juventude de diferentes classes sociais, as Igrejas evangélicas funcionam como local de fazer amigos, de lazer, de uso do tempo livre, de desenvolvimento da capacidade de falar em público. Mas, se tudo isso também vale para jovens de famílias ricas ou de classe média, para os jovens mais pobres as Igrejas evangélicas ganham significado adicional: representam uma possibilidade de ganho material e de respeitabilidade e tornam-se uma espécie de “rede de proteção social” (Novaes, 2020).

Em nosso percurso investigativo, chegamos no quesito das **práticas religiosas utilizadas para o enfrentamento da crise pandêmica**. As perguntas que norteiam essas indagações, foram: Quais foram os impactos causados pela COVID-19 na sua rotina? Durante o período de isolamento social (COVID-19), quais estratégias utilizou para exercer/vivenciar sua religião/religiosidade?

Através de suas respostas impactantes, nossos sujeitos oferecem diversos subsídios para entendermos como se deu o período pandêmico, para a juventude da UFRPE/Dois Irmãos.

Segundo Milton (19 anos), “Foi tipo um apagão. Antes da pandemia, tinha igreja, tinha escola, tinha amigos, tinha família. E de repente, tipo, tudo isso foi tirado. Aí, tipo, teve muito estresse. Eu que sou calmo, fiquei assim, tipo, uma fera. Aí já cheguei tipo, por besteira, quebrar meu fone de ouvido. De repente. minha irmã, minha mãe, fazendo uma pergunta simples, aí sobre se eu tinha feito atividades na escola, que era na época EAD. Eu de repente tava tão estressado que, pô, joguei assim meu fone de ouvido no chão, quebrei ele, porque tipo, não dava mais, eu precisava daquele contato”.

“Era o ambiente que eu que eu ia, que eu gostava, que interagiu com as pessoas, que a gente ria, que a gente brincava. E isso me gerou muita ansiedade mesmo, tipo a nível de um psicólogo, porque não estava mais conseguindo fazer quase nada da minha vida. Praticamente estava com tanta ansiedade que eu não conseguia dormir direito de noite. Eu

estava com uma espécie de TOC. Eu não sei dizer. Não cheguei a ir para a psiquiatra, mas estava. Não estava conseguindo assim, parar de lavar as mãos. Tipo, tocava em um banco, lavava a mão, tocava na mão, na maçaneta, lavava a mão. E a mídia também não ajudava. Que quando uma pessoa ligava a televisão, era a repórter: covid, covid e covid também, como se não estivesse acontecendo mais nada, além de ouvirem isso, tipo pessoas se separaram, vai vir a culpa de familiares, feminicídio, racismo, tantas coisas rolando, rolando ao mesmo tempo. Mas aí que foi ocultado, foi omitido e só se falava de covid. Eu acho que isso não ajudava muito também”.

Sobre as estratégias para vivenciar a religião e religiosidade:

“A minha forma (como ele utilizou as estratégias) foi essencial para passar esse período de quase um ano, quer dizer, um ano de pandemia, né? Que depois veio a vacina, foi muito essencial. Eu acho que foi um chão, sabe? Para você botar os pés no chão assim, sentir que tem algo seguro, algo que você acredita, algo que você vive”.

“Às vezes tinha reuniões, reuniões não, missas. A distância não tinha ninguém, só tinha praticamente o padre. Tinha um padre e tinha alguém gravando, mas tinha distância. A galera usava máscara, também tinha oração, a galera, gente orando. A gente assistia também pela televisão, missas e ouvia rádio. Isso foi muito precioso para conseguir aguentar esse período difícil”.

O depoimento de Milton, clarifica o que foi a pandemia, para juventude. O primeiro ponto a ressaltar, é que apesar da multiplicidade e diversidade da juventude, existem características comuns no vivenciar desse período, como: o medo de ficar doente, perder entes queridos, as restrições de ir e vir e a falta de contato físico, provocaram inúmeros gatilhos, resultando em adoecimento emocional e físico desse jovem, como nos relatou Milton.

Sua maneira de experienciar a religião durante o período pandêmico, se dá por meios eletrônicos, com a utilização da televisão, rádio e computador. Sua igreja, migra para esse formato, oferecendo alternativas para Milton viver sua religião e religiosidade. De acordo com Novaes (2017), ao pensar o fenômeno das práticas religiosas digitais:

[...] novas vinculações implicam em convivências e televivências; em combinações entre a realidade contígua e a web- realidade. Hoje, para atual geração juvenil, há também outras formas de “fazer parte”: pode-se “baixar” cultos e louvores a qualquer hora do dia ou da noite. Tudo isto não é sem consequências para os pressupostos do pertencimento denominacional (Novaes, 2017).

Marina (23 anos), diz que “todo mundo precisou, né? Se isolar e ficar em casa, no começo, eu não sou daqui de Recife, então no começo eu tive que ficar muito longe, muito separado da família e alguns meses depois eu fui pra casa e você se encontra naquele ambiente

assim de ficar longe da família, né? Dos pais e você vê que você fica fragilizada. Muitas pessoas da minha família adoeceram com doenças psicológicas que o aconteceu muito na pandemia, né? E você assim, o social mudou, era só eu, ficava só em casa, o ambiente acadêmico se tornou um ambiente é na internet, né? Um ambiente online, então eu só via meus amigos, aquelas amizades que eu estava cultivando por ali mesmo, pela internet”.

Sobre as estratégias para vivenciar a religião e religiosidade.

“Eu acho que na verdade eu tinha as minhas orações em casa, fazia minhas orações, pedia pra que nada de ruim acontecesse, mas eu não cheguei a entrar em nenhum site pra ver nenhuma coisa” (Marina, 2023).

Percebemos em Marina, o desconforto em sua volta ao lar, com o afastamento do ambiente acadêmico. Diferente de Milton, ela não cabe mais em sua “casca”, está em pleno processo de busca de autonomia, que é paralisada com o advento da pandemia. Sua família foi responsável pelos contatos iniciais com a religião, entretanto, à medida que o processo de socialização se ampliou e diversificou, com a entrada na universidade, ela buscou romper com a herança religiosa, buscando princípios, discursos, regras religiosas de acordo com suas convicções. Marina vive sua religiosidade individualmente.

5.2 Confirmação da hipótese.

Com base nas entrevistas, buscaremos responder a hipótese formulada, que é: **Compreender como a juventude universitária da UFRPE Campus Dois Irmãos, SEDE Recife/PE, vivenciou a religião/religiosidade para o enfrentamento da crise pandêmica.**

Durante à entrevista, fizemos as seguintes perguntas, a fim de elucidar essa questão: você afirmaria que sua religião/religiosidade ajudou na superação da COVID-19? Pode citar fatos relacionados a esse período?

Extraímos uma gama de respostas, cada qual, com sua singularidade e importância, mas para fins desse trabalho, optamos em agrupar o que julgamos serem semelhantes na resposta a nossa pergunta, possibilitando uma melhor análise.

Joana (19 anos), potencializa seu “ritual”, como conexão com o sagrado e a esperança em dias melhores.

“Sim, sim! Muito importante, muito importante mesmo. Eu acho que assim, como a gente não tinha muito o que fazer em casa, então por ter uma, pelo menos, por exemplo, o

terço que eu, né, assistia todos os dias às seis horas, então era pelo menos alguma coisa que eu tinha mais pra fazer, né? Então, assim, auxiliava eu ter uma rotina e também, né, no momento da minha fé. Então eu acredito que ajudava nesse sentido”. (Joana, 2023)

Roberta (20 anos), explicita uma fé individual, uma crença no pensamento positivo, através do seu exercício de “fé” tudo ficará bem.

“Foi a superação assim, individual de cada um. Cada um tem a sua crença e nessa positividade que cada um acredita. É, eu acho que teve que se agarrar em alguma coisa. Como foi um vírus muito forte, que matou milhões de pessoas. Era algo que era não palpável, que era não saber se a gente ia poder tá vivo essa semana, semana que vem e a fé a gente se agarrava, claro, com nossos cuidados, né? Mas agarrar a fé foi aí uma forma de superar”. (Roberta, 2023)

Raul (27 anos), enfatiza a importância da sua religião, como fomentadora da sua fé. Mas, é em Deus, que ele encontra sua força e resiliência.

“Com certeza. Pra quem teve uma fé, assim no meu caso que, eu tenho a união vegetal, saber que existe um Deus, um ser acima a gente, que a gente pode pedir força, pedir mais fé, auxilia bastante, porque a pessoa se tranquiliza um pouco mais, mesmo sabendo que tá tendo aquela doença lá fora, a gente pode se tranquilizar e ter fé em Deus que as coisas vão melhorar, assim como melhorou e como passou as coisa e hoje a gente tá podendo tá aqui na faculdade, a maioria agora já num tá mais sendo obrigatório usar máscara, já tá num outro momento, então a gente atravessou aquela situação. (Raul, 2023)

Marcelo (28 anos), viu na religião, a possibilidade de ocupar seu tempo, já que estava desempregado (consequências do período pandêmico) e melhorar seu emocional. Usando a fé, para se reconectar com seu lado religioso.

“Foi importante porque assim se a gente não tiver fé nas coisas, a gente, tipo não vai conseguir. Vai ficar meio que desestabilizado emocionalmente. Isso em qualquer coisa que a gente fizer. Tem que ter fé nas coisas que a gente for fazer. Serviu de suporte, porque muitas vezes na pandemia, eu não tinha muito o que fazer, eu ficava em casa, como eu falei, só jogava em casa, eu no momento estava desempregado, então foi meio digamos assim, um passatempo, mas foi algo importante pra mim que serviu pra, é, não me distrair, mas, como é que eu posso falar assim? serviu pra não sei se reconectar, eu acho que isso, me reconectar mesmo porque eu não tinha muita coisa pra fazer. Reconectar Espiritualmente botar a cabeça no lugar era um tempo muito difícil”. (Marcelo, 2023)

Analisando os quatro fragmentos, que apresentam sujeitos com idades e gêneros diferentes, fica evidenciado em suas falas e atitudes, o espaço fundamental da fé, como suporte para o enfrentamento da crise pandêmica. Dialogando com Ribeiro (2004), inferimos que a fé,

na modernidade para o jovem universitário, tem um papel de suma importância, na construção das suas vivências religiosas, ao fornecer a construção de sentidos, ressignificar momentos de medo e dor, vencer dificuldades, dar confiança em dias melhores. Sendo essas, características fundamentais para o enfrentamento do período pandêmico.

Esses jovens, ao vivenciarem suas religiões/religiosidades, realimentam a fé no sagrado, que não é necessariamente institucionalizado. Com isso, buscam fortalecer mentes e corpos, para superar momentos difíceis, como é o caso da pandemia. Nesse sentido, religião e religiosidade são usadas pela juventude para “guiar-se por algumas direções, para tomar decisões estratégicas que serão determinantes para o resto da sua vida” (Ribeiro, 2009, p. 110).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento final, retomaremos o fragmento da música contida no primeiro capítulo: “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”. Passados quase 3 anos de pandemia e com a volta a “pseudo-realidade”, nossos jovens entrevistados dizem: “sobrevivemos, resistimos e ressignificamos”. E com isso, respondem à nossa hipótese primária, validando nossa premissa, de que, religião e religiosidade foram usadas como suporte, nesse período de crise pandêmica.

Resta compreender até onde foi o dano. Não morremos fisicamente, mas adoecemos emocional e fisicamente. Os jovens desse pequeno recorte, dizem isso de forma contida, mas, em também em forma de gritos. Foram impactados pelo fechamento dos espaços educacionais, local onde vivenciavam parte de sua sociabilidade e trocas intensas de interações sociais. E tiveram os sonhos de autonomia, adiados, paralisados. A pandemia escancarou a vulnerabilidade dessa categoria, inclusive percebida no universo dos nossos entrevistados.

Feita essa ressalva, partimos de um recorte específico, religião e religiosidade da juventude universitária da UFRPE. Trabalhando com a perspectiva de Durkheim, sobre religião e seu sentido coletivo, tradicional e institucional. E utilizando a abordagem de Simmel sobre religiosidade, onde a crença é “uma disposição particular do indivíduo” (Hervieu-Léger; Willaime, 2009, p.143), que é experimentada de forma não institucionalizada.

Ambas, segundo nosso universo pesquisado, foram de suma importância nesse período de crise. Seja como possibilidade de “não pensar nas notícias ruins”, “ter fé que tudo daria certo”, “sentir que faz parte de uma rede solidária”, “vivenciar outras formas de reconexão com o todo”, ou, outras possibilidades ditas, ao longo das nossas entrevistas.

Nossos pesquisados tiveram experiências múltiplas no período pandêmico, isso, se traduz na multiplicidade das respostas obtidas. Porém, é imprescindível destacar, em suas falas, a esperança e conforto, proporcionado pelas pertencas religiosas e religiosidade.

Se o início da pandemia, foi marcado por um período de obscurantismo no país, em que, educação e ciência sofreram ataques por parte do governo, seu estafe e sua base de apoio. Passado quase 3 anos, com vacinação em massa e novas eleições no Brasil, podemos constatar o fortalecimento do papel das ciências e educação para o enfrentamento da doença, no Brasil.

Sabemos o quanto ainda precisa ser dito sobre esse período. Um desses aspectos, pouco desenvolvido em nossa pesquisa, é a questão dos jovens universitários que precisaram retornar para suas casas, sendo impactados em suas experimentações e fluidez religiosa. Outra questão, é o fenômeno da fé “virtual” e a migração das religiões tradicionais para o ciberespaço

antes, durante e pós pandemia. Outro aspecto a ser desenvolvido é o negacionismo para juventude religiosa.

Essa monografia não é um fim, mas um começo. E como tal, possui inúmeras lacunas, que poderão ser preenchidas por outros pesquisadores. Nosso intuito, não é esgotar o tema proposto, mas possibilitar pequenas trilhas, para outras pesquisas, que se proponham a relacionar juventude, religião e pandemia.

Terminamos, como começamos essa aventura de escrever uma monografia. Através de um fragmento de uma música, que explicita o momento de fluidez religiosa:

Nin Jitsu, Oxalá, Capoeira, Jiu Jitsu, Shiva, Ganesh e Zé Pilin dai equilíbrio ao trabalhador que corre atrás do pão. É humilhação demais que não cabe nesse refrão. Nin Jitsu, Oxalá, Capoeira, Jiu Jitsu, Shiva, Ganesh e Zé Pilin dai equilíbrio ao trabalhador que corre atrás do pão. É humilhação demais que não cabe nesse refrão (Criolo, 2014).

Concluindo, ao longo desta pesquisa, ficou evidente que religião e religiosidade continuam a existir na sociedade pós-moderna, adaptando-se à influência da individualização e globalização, apresentando manifestações inovadoras. Os indivíduos, incluindo a juventude, objeto de nosso estudo, procuram respostas para suas incertezas dentro do contexto religioso da humanidade, mas afastam-se de abordagens tradicionais do passado e de estruturas institucionais normativas. Eles adotam o que lhes faz bem e descartam o que não se adequa às suas necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; ELIANE RIBEIRO ANDRADE; GIL, C. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Unesco, 2009.

ALMEIDA, R. D. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira**. Novos estudos CEBRAP, v. 38, n. Novos estud. CEBRAP, 2019 38(1), p. 185–213, jan. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2018.

AQUINO, Rosa Maria de. **As Ciências Sociais e a Intolerância Religiosa**. Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, [S. l.], v. 2, n. 17, p. 159–183, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/3731>. Acesso em: 01 set. 2023.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 SET. 2022.

_____. **Estatuto da juventude: LEI Nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. – 4. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados Centro de Documentação. Edições Câmara, 2017. – (Série legislação ; n. 271 PDF)

_____. **LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. V. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 27, p. 1-74, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=07/02/2020>. Acesso em 02 set. 2022.

BURITY, J. “**A onda conservadora na política Brasileira traz o fundamentalismo ao poder?**”. In: TONIOL, R.; ALMEIDA, R. Conservadorismo, fascismo e fundamentalismo: análises conjunturais. Campinas, Editora Unicamp, 2018.

CAMURÇA, M. A. **Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora - MG**. Debates do NER, [S. l.], 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2699>. Acesso em: 01 set. 2023.

CAMURÇA, M. A.; TAVARES, F. R. G.; PROCÓPIO, C. E.; SOUZA, J. W. de; CARVALHO, R. C. de M. R. de. **Como é ser jovem em Minas Gerais: religião, moral, costumes e política**. Principia: Caminhos da Iniciação Científica, [S. l.], v. 12, p. 25–41, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/principia/article/view/25524>. Acesso em: 01 set. 2023.

_____. **Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida.** *Religião & Sociedade*, v. 40, n. Relig. soc., 2020 40(1), p. 43–66, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/5LQvKFc6pbYBTZhrjqx5Gcr/?lang=pt#>. Acesso em: 01 set 2023.

_____. **“Juventudes” e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**. *Numen*, v.7, n°1: 11-46, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21632>. Acesso em 01 set. 2023.

_____. **Os “Sem Religião” no Brasil: juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas.** *Estudos de Religião*, [S.L.], v. 31, n. 3, p. 55, 20 dez. 2017. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p55-70>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8481>. Acesso em: 01 set. 2023.

CASTIONI, R. et al. **Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial.** *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 29, n. 111, p. 399–419, abr. 2021.

DE ALMEIDA, Silvio Luiz. . **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DE CARVALHO, R. T. **Entenda a importância do distanciamento social.** 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/108-distanciamento-social>. Acesso em: 3 jul. 2023.

DULIUS, G. T.; SUDBRACK, A. W.; SILVEIRA, L. M. DE O. B. **Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura.** *Saúde em Redes*, v. 7, n. 1Sup, p. 205–213, 18 jun. 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2018.

EMICIDA. **Amarelo.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

FERNANDES, Sílvia. **A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença.** *Revista IHU On-line*, Ano 8, Nº 43, 2012, p. 22-25. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>. Acesso em: 01 de setembro de 2023.

FERNANDES, Sílvia. **Trajetória religiosa de jovens sem religião: algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização.** *INTERSEÇÕES*. Rio de Janeiro. v. 20 n. 2, p. 369-387, dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, p. 74 - 95, 2019.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas, MG: UNIFAL, 2016.

GROSSI, Miriam Pillar e TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. 718 p: EBOOK - DOWNLOAD GRATUITO. Disponível em: <https://www.trama.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/12/Ebook_Cientistas-Sociais-Coronav%C3%ADrus.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. DE . **Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19**. Religião & Sociedade, v. 41, n. Relig. soc., 2021 41(2), p. 49–74, maio 2021.

HAMMERSLEY, Martyn e ATKINSON, Paul. **Etnografia: princípios em prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JUCÁ, V. J. S.; MENEZES-SANTOS, J. A.; COLAÇO, V. F. R.; BARROS, D. N. S.; LEMOS, R. M. **“Garrafas ao mar”: juventude universitária em tempos de pandemia**. Revista Conexão UEPG, [S.L.], v. 17, p. 1-15, 2021. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5212/rev.conexao.v.17.19611.81>>. Acesso em: 01 set. 2023.

LANUTI, Caroline; GOMES, Heloísa; SANTOS, Juliana dos. **Todo mês é mês do orgulho**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/historias/todo-mes-e-mes-do-orgulho>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

LEMOS, Carolina Teles. et al. (Org.). **Juventudes e religiosidades: o caso de jovens universitários**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

LUZ, Lila Cristina Xavier et al. **Os jovens brasileiros em tempos de covid-19**. Princípios, São Paulo, v. 1, n. 160, p. 177-207, 2020. Editora Cubo. Disponível em: file:///Users/ccpoliveira/Downloads/3-3-PB.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.

LUZ, Lila Cristina Xavier. **Juventudes e mercado de trabalho no Brasil: situação atual e desafios para o futuro**. 2022. Org. Mirian Abramovay et al. Ebook. Disponível em: <<https://biblioteca.flacso.org.br/?publication=trajetoriaspraticas-juvenis-em-tempos-de-covid19>> Acesso em: 19 ago. 2023.

MACEDO, Edir e OLIVEIRA, Carlos. **Plano de Poder – Deus, os cristãos e a política**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. **Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores**. Revista USP, [S. l.], n. 120, p. 61-76, 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>. Acesso em: 01 set. 2023.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília. **A teologia da batalha espiritual**. BIB, Rio de Janeiro, N.º 47 ,1 ,semestre de 1999, pp. 33-48.

MARTINS, Mônica Dias. **A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social**. In: Cientistas Sociais e o Coronavírus: EBOOK. Disponível em:<https://www.trama.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/12/Ebook_Cientistas-Sociais-Coronav%C3%ADrus.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1edições, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa** [livro eletrônico] / Sidnei Nogueira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2020.

NOVAES, Regina. **Juventude e religião: o que há de novo?** . 2017. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/juventude/juventude-e-religiao-o-que-ha-de-novo/>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

_____. **Juventude e Religião: sinais do tempo experimentado**. INTERSEÇÕES (UERJ). v. 20, p. 351-368, 2018.

_____. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Sociologia Especial: ciência e vida, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007. Disponível em: <http://www.gerts.org.br/2022/05/juventude-e-sociedade.html>. Acesso em:01 set. 2023.

_____. **Juventude, juventudes. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos**. Revista de Ciencias Sociales (Montevideo). v. XXII, p. 10-20, 2009. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/4536/453644787002.pdf>>. Acesso: 01 set. 2023.

_____. **Juventude, percepções e comportamentos: e a religião faz diferença?** Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Perseu Abramo. 2004.

_____. **Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais**. Religião & Sociedade (Impresso). v. 32, p. 184-208, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/ctrQNc8fpdvZxPLdRjpQsdR/?lang=pt>>. Acesso em:01 set. 2023.

_____. **Juventudes, religião e política: o que há de novo no brasil do século XXI?** 2020. Disponível em: https://oji.fundacion-sm.org/juventudes-religiao-e-politica-o-que-ha-de-novo-no-brasil-do-seculo-xxi/?lang=pt-br#_edn6. Acesso em: 02 set. 2023.

_____. **Mal-estar, medo e mortes entre Jovens das favelas e periferias.** INTERESSE NACIONAL. v. 7, p. 55-62, 2014. Disponível em: <<https://interessenacional.com.br/mal-estar-medo-e-mortes-entre-jovens-das-favelas-e-periferias/>>. Acesso: 01 set. 2023.

_____. **Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares.** Estudos Avançados [online]. 2004, v. 18, n. 52 pp. 321-330. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300020>. Acessado 20 set 2022.

NOVAES, Regina.; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Prefácio do livro Juventude e Sociedade.** 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. v. 1, p. 07-18.

OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE DA FUNDAÇÃO SM NA IBEROAMÉRICA. **Juventudes, religião e política: o que há de novo no Brasil do século XXI ?.** Disponível em: https://oji.fundacion-sm.org/juventudes-religiao-e-politica-o-que-ha-de-novo-no-brasil-do-seculo-xxi/?lang=pt-br#_edn6. Acesso em: 2 set. 2023.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** Revista de Antropologia, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos,** 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org> Acesso em: 01 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Coronavírus.** [2019]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus>. Acesso em: 03 jul. 2023.

_____. **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid>. Acesso em: 06 set. 2023.

Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia / organizado por Gustavo Corrêa Matta, et al. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

PERILLO, Lorraine. **O que é intolerância religiosa, quem sofre no Brasil e como identificar?** UOL,2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/08/10/intolerancia-religiosa-no-brasil-o-que-e-e-como-identificar.htm>>. Acesso em: 16 set. 2022.

PIERUCCI, A. F. **Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso.** Novos estudos CEBRAP, n. 89, p. 6–15, mar. 2011. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/nec/a/gTW8Wkk86wnWj4SGsJKMd8F/?lang=pt#>>. Acesso em: 01 set. 2023.

PORRECA, W. **Espiritualidade/religiosidade: possíveis companhias nos desafios pandêmico-COVID-19.** Caderno De Administração, v. 28, n. Edição E, p. 141-146, 2020.

PRATA, Danilo Nogueira. **Assíncrono vs. Síncrono no Contexto da Educação Superior Pós-Pandemia.** Disponível em: <<https://riu.cead.unb.br/orientacoes/2-publicacoes/76-sincrono-assincrono>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Educar na religiosidade: pesquisa e experimento com universitários**. Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 11, n. 12, p. 49-58, 15 set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18652>. Acesso em: 01 set. 2023.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna**. Rever, São Paulo, N. 2, p. 109 – 126. 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Os Universitários e a Transcendência: visão geral, visão local**. REVER - N. 2 - Ano 4 - 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/t_ribeiro.htm. Acesso em: 11 set. 2023.

RIBEIRO, Jorge. Claudio. **Religiosidade do universitário: comentários dos sujeitos e aplicação didática**. ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 127–141, 2019. Disponível em: <https://itesp.emnuvens.com.br/espacos/article/view/584>. Acesso em: 01 set. 2023.

Saúde Mental e Atenção Psicossocial: Violência doméstica e familiar na pandemia de Covid-19, Fiocruz, 2020. disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-violencia-domestica-e-familiar-na-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 01 set. 2023.

SAYURI, Juliana. **Coronavírus: qual o impacto do isolamento nas sociedades mais 'abertas' do mundo**. BBC News Brasil, 2020. DISPONÍVEL em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52042839>. Acesso em 05/12/2022.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da; PEREIRA, Lucas Péricles de França; SARINHO, Bárbara. Santos. **Situação juvenil no contexto da educação em tempos de pandemia**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. l.], v. 39, n. 1, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/122185>. Acesso em: 1 set. 2023.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da; SANTOS, Luana Rayza da Silva. **Cinco lições Paulo freirianas para pensar a educação e a situação juvenil na pandemia**. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 47, n. 1, p. 203–217, 2022. DOI: 10.5216/ia.v47i1.71420. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/71420>. Acesso em: 01 set. 2023.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves; FREITAS, Lizandra Cibely Diniz. **Pandemia do Covid-19 e impactos sobre jovens: um olhar acerca de pesquisas realizadas entre 2020 e 2021 no brasil**. Sociedade em Debate, Pelotas, v. 28, n. 2, p. 172-187, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/3096/1895>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. **Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar**. Civitas - Revista de Ciências Sociais [online]. 2021, v. 21, n. 2 [Acessado 11 de Setembro 2022], pp. 344-354. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.37319>.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da (Org.). **As juventudes e seus sujeitos**. Recife: EDUFRPE, 2017.

SIMMEL, Georg. **Religião – ensaios, vol. 1**. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Prefácio. In: LEMOS, Carolina Teles. et al. (Org.). **Juventudes e religiosidades: o caso de jovens universitários**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os novos carismáticos**. Aparecida, SP: Ideias & Letras; São Paulo: Fapesp, 2011.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

TAVARES, Fátima Regina et al. **Crenças e pertencas, moral e sexualidade na juventude mineira**, Numen: v. 7 n. 1 (2004): Numen 12, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21634>. Acesso em: 01 set. 2023.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: Unesco, 2004. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923> > Acesso: 01 set. 2023.

VITAL DA CUNHA, Christina. **“Intolerância religiosa nas cidades brasileiras: atores, números e enfrentamento”**. In: Segundo relatório sobre intolerância religiosa: Brasil, América Latina e Caribe. Ivanir dos Santos; Bruno Bonsanto Dias; Luan Costa Ivanir dos Santos (orgs.). CCIR, UNESCO. 2023. PP.206-217.

WEISHEIMER, Nilson. **“As juventudes e seus sujeitos: trajetórias de estudo e categorias teórico-operacionais”**. Prefácio. In: SILVA, Tarcísio Augusto Alves da (Org.). **As juventudes e seus sujeitos**. Recife: EDUFRPE, 2017.

ANEXO A - Levantamento exploratório do Campos Dois Irmãos/SEDE.



**Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências Sociais - DECISO
Disciplina – TCC2**

Orientadora: Rosa Maria de Aquino

Pesquisadora: Cira Cristine Pena de Oliveira

**Tema: Religião e religiosidade da juventude universitária da UFRPE,
Campus Dois Irmãos, Recife/PE, em tempos pandêmicos.**

Levantamento exploratório do Campos Dois Irmãos/SEDE.

1 – Qual Curso faz na UFRPE?

Bacharelado em Administração	
Bacharelado em Agronomia	
Bacharelado em Agroecologia	
Bacharelado em Ciência da Computação	
Bacharelado em Ciências Biológicas	
Bacharelado em Ciências do Consumo	
Bacharelado em Ciências Econômicas	
Bacharelado em Ciências Sociais	
Bacharelado em Gastronomia	
Bacharelado em Sistemas da Informação	
Bacharelado em Economia Doméstica	
Engenharia Agrícola e Ambiental	
Bacharelado em Engenharia Ambiental	
Bacharelado em Engenharia de Pesca	
Bacharelado em Engenharia Florestal	
Licenciatura em Ciências Agrícolas	
Licenciatura em Computação	
Licenciatura em Educação Física	
Licenciatura em Física	
Licenciatura em História	
Licenciatura em Letras (Português e Espanhol)	
Licenciatura em Matemática	

Licenciatura em Pedagogia	
Licenciatura em Química	
Licenciatura Plena em Ciências Biológicas	
Bacharelado em Medicina Veterinária	
Bacharelado em Zootecnia	

2- Que ano e semestre entrou na UFRPE? Estava matriculado durante o início da pandemia?

2017	Semestre 1		Sim
2017	Semestre 2		
2018	Semestre 1		
2018	Semestre 2		
2019	Semestre 1		
2019	Semestre 2		
2020	Semestre 1		Não
2020	Semestre 2		
2021	Semestre 1		
2021	Semestre 2		
2022	Semestre 1		
2022	Semestre 2		

3- Você possui algum tipo de religião, qual?

Religião ou Crença	Número de estudantes
Igreja Católica Apostólica Romana	
Igreja Católica Ortodoxa	
Igreja Batista	
Igreja Luterana	
Igreja Presbiteriana	
Igreja Metodista	
Assembleia de Deus	
Congregação Cristã do Brasil	
Igreja Universal do Reino de Deus	
Igreja do Evangelho Quadrangular	
Igreja Deus é Amor	
Outros Penteconstais / Neopentecostais	
Igreja Adventista do Sétimo Dia	
Testemunhas de Jeová	
Mórmons	
Espiritismo	
Umbanda	
Budismo	
Candomblé	
Igreja Messiânica	
Judaísmo	
Tradições esotéricas	
Islamismo	

ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: **Religião e espiritualidade da juventude universitária da UFRPE, Campus Dois Irmãos, Recife/PE, em tempos pandêmicos**, que tem como pesquisadora responsável Cira Cristine Pena de Oliveira. Esta pesquisa pretende: **Compreender como a juventude universitária da UFRPE, Campus Dois Irmãos/SEDE, vivenciou a religião/espiritualidade para o enfrentamento da crise pandêmica**. O motivo que nos leva a fazer este estudo é voltar os olhos para comunidade acadêmica, num período de incertezas e medo, como foi a crise pandêmica, produzindo materiais que possam servir de base para futuras pesquisas sobre religião/espiritualidade durante o período pandêmico, nos espaços universitários, além de contribuir com estudos sobre diversidade religiosa e juventude universitária, que possibilite subsidiar ações no âmbito político, social e educativo de combate a intolerância e preconceito religioso nos espaços universitários. Desse modo, optamos pela ida ao campo, e fazer à escuta de nossos interlocutores, através de entrevistas semiestruturadas, utilizando o método etnográfico. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletadas serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletados serão: Áudio de entrevista, vídeo e foto.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, _____ autorizo o uso de:

- () Minhas imagens (fotos e/ou vídeos)
 () minha voz
 () minhas imagens (fotos e/ou vídeos) e minha voz

Recife/PE, __ de março de 2023.

 Assinatura do participante da pesquisa

 Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de Entrevista

Objetivo da entrevista: 1) Identificar a importância da religião, para o enfrentamento da COVID 19, pela juventude universitária do Campus SEDE da UFRPE.

Critérios de inclusão: Ser aluno da UFRPE entre os anos de 2020 até a presente data. Pertencer a categoria juventude, que vai de 15 a 29 anos, conforme estipula nossa constituição.

Preâmbulo: Este estudo tem como objetivo identificar a opinião da juventude universitária da UFRPE quanto à utilização da religião e espiritualidade, no enfrentamento da COVID.

A sua participação neste estudo é de fundamental importância, pois somente você que vivenciou esse momento, pode me informando sobre este assunto de maneira tão real.

Em hipótese alguma será revelado a sua identidade neste estudo, tendo a certeza de que estará eticamente resguardada quando a sua identificação. Para que esta entrevista seja fiel às coisas na qual você está me informando, eu gostaria de estar fazendo a gravação do áudio da nossa entrevista. Você me permitiria fazer a gravação da entrevista?

Perguntas:

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Se identifica como (gênero)
- 4- Curso
- 5- Ano de entrada na UFRPE.
- 6- Qual é sua crença religiosa?
- 7- Frequentava algum espaço ou grupo religiosos antes da pandemia?
- 8- Qual a importância desses espaços/grupos para você?
- 9- Quais foram os impactos causados pela Covid19 na sua rotina?
- 10- Durante o período de isolamento social (COVID 19), quais estratégias utilizou para exercer/vivenciar sua religiosidade/espiritualidade?
- 11- Você afirmaria que sua religiosidade/espiritualidade ajudou na superação da COVID19?
- 12- Pode citar fatos relacionados a esse período.
- 13- Com a vacinação e volta à “normalidade” como está sua vida (vivências) religiosa.